

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luciana dos Santos Cristino

Bilingüismo e *Code-switching* : um estudo de caso

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM

SÃO PAULO
2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luciana dos Santos Cristino

Bilingüismo e *Code-switching* : um estudo de caso

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
como exigência parcial para a obtenção do título
de Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da
Linguagem, sob orientação da Profa. Dra. Sandra
Madureira.

SÃO PAULO
2007

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos

Assinatura: _____

São Paulo, 20 de dezembro de 2007

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas especiais que fazem parte da minha vida, em especial a minha filha que é a minha inspiração diária e ao meu marido que me acompanhou, incentivou e apoiou durante todo processo, estando presente nas horas tristes e felizes, o que tornou possível a concretização desta idealização.

“ O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

(Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e dedicação de algumas pessoas especiais, as quais agradeço;

- A Deus por iluminar meu caminho, me dar sabedoria, saúde, e tornar possível a realização deste trabalho.

- Aos meus mentores espirituais que estiveram presentes iluminando todos os momentos deste trabalho.

- A Profa Dra Sandra Madureira por todo carinho e dedicação na orientação deste trabalho.

- Ao Prof Dr Marcello Marcelino Rosa e a Profa Elizabete Flory pela ricas contribuições na banca de qualificação deste trabalho.

- Aos meus pais pela lição de vida, e acima de tudo pela construção de valores como: responsabilidade, lealdade, dedicação, perseverança e pela ajuda para superação dos obstáculos ultrapassados no percurso da realização deste trabalho.

- A minha irmã pelo incentivo, apoio e pelas palavras de conforto nas horas difíceis.

- Aos meus avós (em memória), que de alguma forma estão olhando por mim.

- A todos os professores do LAEL que contribuíram de alguma forma, citação ou comentário com a realização deste trabalho, em especial às profas: Dra Maximina Maria Freire, Profa Dra Mara Sophia Zanotto e Profa Dra Aglael Gama Rossi.

- Aos amigos e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por compartilharem suas idéias, desabafos e, principalmente, pelas boas palavras.
- Ao colega Prof Sérgio Augusto Mauad pelo apoio e incentivo durante a realização deste trabalho e dedicação durante as apresentações em conjunto realizadas durante o curso.
- Aos funcionários da secretaria e biblioteca do Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicadas e Estudos da Linguagem.

"A gratidão desbloqueia a abundância da vida. Ela torna o que temos em suficiente, e mais.

Ela torna a negação em aceitação, caos em ordem, confusão em clareza. Ela pode transformar uma refeição em um banquete, uma casa em um lar, um estranho em um amigo.

A gratidão dá sentido ao nosso passado, traz paz para o hoje, e cria uma visão para o
amanhã. "

(Melody Beattie)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a ocorrência de *code-switching* na fala de um sujeito bilíngüe tardio (inglês/português), enfocando aspectos prosódicos e de uso lexical, sob uma perspectiva sociolingüística e psicolingüística. *Code-switching* ou alternância no código lingüístico é uma estratégia comunicativa usada pelo falante bilíngüe de acordo com a situação socialmente estabelecida. A palavra bilíngüe descreve primariamente alguém que seja proficiente em duas línguas. Este termo pode porém, ser usado para incluir muitas pessoas no mundo que tenham diversos níveis de proficiência em duas, três ou mais línguas simultaneamente (Wei, 2000). Seguindo os parâmetros da pesquisa qualitativa, fizemos um estudo de caso de um bilíngüe do sexo masculino, com 39 anos de idade, nacionalidade Nigeriana, professor de língua inglesa, residente no Brasil há aproximadamente 6 anos e casado com uma brasileira. Os dados foram coletados por meio de cinco instrumentos distintos: gravação em áudio e vídeo de uma apresentação oral do sujeito de pesquisa acima citado a um grupo de alunos de uma escola brasileira em contexto bilíngüe (inglês/português), seguida de sessão de perguntas; uma entrevista fechada individual gravada em áudio, composta por perguntas pontuais; um questionário escrito para levantamento de dados pessoais do sujeito da pesquisa; um teste de percepção visual, para detectarmos a língua preferencialmente escolhida para o discurso livre; e uma auto-confrontação ou entrevista reflexiva. Foram transcritos e analisados apenas os trechos que ocorrem o *code-switching*. Foram selecionadas algumas sentenças deste *corpus* para a análise acústica e elaborados alguns gráficos das medidas de duração de F0 para análise dos aspectos prosódicos do falante nativo quando produz na primeira língua e na segunda língua. Os resultados obtidos indicam que: (1) embora o sujeito tenha preferência pela língua materna (inglês), o *code-switching* ocorre nos dois sentidos: primeira língua – segunda –língua / segunda língua – primeira língua; (2) a análise dos dados trouxe à tona que o sujeito utiliza diferentes estratégias para escolha do léxico, de acordo com o contexto, do interlocutor, do local, e a mudança do código lingüístico aparece na maioria das vezes iniciado com a interjeição “Ok”. A questão emocional também aparece como um fator: o sujeito sempre se preocupa com o interlocutor, e com a compreensão das mensagens. A pronúncia das palavras do português é fortemente influenciada pela primeira língua do sujeito; (3) com o auxílio da análise acústica pudemos verificar que a curva entoacional de frases interrogativas totais produzidas em português revelam traços prosódicos do inglês, ou seja, o sujeito mantém a língua matriz nos aspectos entoacionais; (4) a fonotaxe sofre alteração em algumas palavras pelo falante utilizada; (5) o léxico alterado é substituído por palavras do mesmo nível sintático.

Palavras-chaves: *code-switching*, bilingüismo, bilíngüe tardio, estratégia lingüística, variação da fala, alteração prosódica, língua matriz, fonética acústica.

ABSTRACT

This research aims at investigating the occurrence of code-switching in the speech of a late bilingual subject, under sociolinguistic and psycholinguistic perspectives. Code-switching or code alternation is a communicative strategy used by bilingual speakers in a given social situation. The word “bilingual” primarily describes someone who is proficient in two languages. This term can, however, also include the many people in the world who have varying degrees of proficiency in three, four or even more languages simultaneously (Wei, 2000). Adopting the parameters of qualitative research, we have done a case study of a 39-year-old Nigerian male bilingual who has lived in Brazil for about 6 years working as an English teacher and is married to a Brazilian. The data was collected by means of five different instruments: audio and video recording of an oral presentation of the subject to a group of students in a Brazilian school in a bilingual context (English/Portuguese), followed by an interview session; a closed individual interview recorded on audio tape, made by means of discrete questions; a written questionnaire in order to collect some personal data about the subject; a visual perception test to detect the preferential language in a free speech context; and an auto-confrontation or reflexive interview. Only the passages where the code-switching phenomenon occurred were transcribed and analyzed. Some sentences of this *corpus* were selected for acoustic analysis and some charts of duration and F0 measures were made to analyze some prosody aspects of the native speaker when speaking the first language and the second language. The final results indicate that: (1) although the subject prefers the mother tongue (English), code-switching occurs in both ways: first language – second language / second language – first-tongue language; (2) the data analyses suggest that the subject uses different strategies for choosing lexical items, according to the context, the interlocutor, and the place, and that the change of the linguistic code appears most of the time initiated by the “OK” interjection. The emotional aspect is also worth mentioning: the subject is always worried about the interlocutor and wants to know whether he has made himself clear. The pronunciation of Portuguese words are heavily influenced by his first language; (3) we could observe, from the acoustic analyses, that the intonation curve of the yes/no questions produced in English bears much resemblance to English melodic patterning in that the subject keeps the intonational aspects of the matrix language; (4) there is considerable alteration in the fonotaxe of some words used by the speaker; (5) the altered lexical item is replaced by words belonging to the same syntactic level.

Key-words: code-switching, bilingualism, late bilingual, linguistic strategies, speech variation, prosody alteration, matrixlanguage, acoustic phonetics.

Sumário

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
1. Bilingüismo.....	08
1.1. Definição.....	08
1.2. Fatores externos.....	12
1.3. Fatores internos.....	13
1.4. Tipos de bilíngüe	15
1.4.1. Idade de Aquisição.....	23
1.4.2. Modo de Aquisição.....	23
1.4.3. Competência Lingüística.....	25
1.4.4. Língua dominante na comunidade.....	25
1.4.5. Desempenho.....	25
1.4.6. Identidade Cultural.....	26
1.4.7. Contexto Social.....	26
1.4.8. Língua padrão.....	26
1.4.9. Educação.....	27
2. <i>Code-switching</i> (CS).....	27
2.1. Abordagem psicolingüística	28
2.1.1. Representação cerebral.....	29
2.1.2 Implicações diferenciais dos dois hemisférios cerebrais.....	33
2.2. Abordagem sociolingüística	35
2.2.1. <i>Code-switching</i> e competência comunicativa.....	36
2.2.2. Fatores determinantes na escolha das línguas.....	39
2.2.2.1. Participantes.....	39
2.2.2.2. Local.....	40
2.2.2.3. Assunto.....	40
2.2.2.4. Função da interação.....	41
2.3. <i>Code-switching</i> ou alternância de código.....	41
2.4. Tipos de <i>code-switching</i>	46
2.5. <i>Code-mixing</i> ou mistura de códigos.....	50

2.6. <i>Code-switching</i> e interferência.....	51
2.7. <i>Code-switching</i> e empréstimo.....	53
3. Prosódia e Fonética Acústica.....	53
3.1. Contorno entoacional do inglês.....	56
3.2. Contorno Entoacional do Português Brasileiro.....	58
4. Variações do Inglês: Inglês Nigeriano.....	58
4.1. Yoruba.....	58
4.2. O alfabeto Yoruba (Álífáb'ẹ̀tì Yorùbá).....	59
 CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	 62
1.1. Escolha da metodologia da pesquisa.....	63
1.2. Sujeito da pesquisa.....	65
1.3. Instrumentos de análise e procedimentos de coleta de dados.....	65
 CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS.....	 68
1. Questionário escrito individual.....	70
1.1. Classificação do sujeito de pesquisa.....	72
2. Gravações em áudio.....	73
2.1. Estratégia Comunicativa.....	74
2.1.1. O uso de empréstimos.....	74
2.1.2. O uso da <i>Trigger word</i> como desencadeadora do <i>code-switching</i>	75
2.1.3.- Padrão acentual e fonotaxe.....	76
2.1.4. – Alongamento da sílaba devido à mudança do acento.....	77
2.1.5.- Pausa	78
2.1.6.- Tradução e repetição do item lexical.....	79
2.1.7.- Linguagem gestual.....	81
2.2. Interferência.....	81
2.3.- Prosódia e entoação.....	86
2.4.- Tipos de <i>code-switching</i>	90
2.7.1. <i>Code-switching</i> intra-sentencial.....	90
2.7.2. <i>Code-switching</i> inter-sentencial.....	91
2.7.3. <i>Tag-switching</i>	91

CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
---	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
---------------------------------	----

ANEXOS

Anexo I – Termo de consentimento.....	103
Anexo II – Questionário Individual (Português).....	105
Anexo III – Questionário Individual (Inglês).....	108
Anexo IV – Transcrição dos dados (narração sobre dados pessoais).....	111
Anexo V – Questões realizadas na entrevista Individual.....	113
Anexo VI – Transcrição dos dados (entrevista individual).....	114
Anexo VII – Questões realizadas na entrevista coletiva.....	116
Anexo VIII- Transcrição dos dados (entrevista coletiva).....	117
Anexo IX – Quadro com símbolos usados na transcrição do <i>corpus</i> desta Pesquisa.....	120

LISTA DE FIGURAS

Descrição	página
Figura 1 – Representação cerebral do bilíngüe de infância	pág 24
Figura 2 – Representação cerebral do bilíngüe tardio	pág 24
Figura 3 – Representação da gramática do <i>code-switching</i>	pág 47
Figura 4 – Representação dos pontos de equivalência.	pág 49
Figura 5- Contorno entoacional de uma Yes-no question e a sua respectiva resposta	pág 57
Figura 6- Forma da onda, contorno f0 e segmentação da palavra “corrupção”. (sílabas “ção” pronunciada como [son] na produção do sujeito).	Pág 77
Figura 7- Forma da onda, contorno f0 e segmentação da palavra “corruption”.	Pág 78
Figura 8- Forma da onda, f0 e segmentação da pergunta: “Alguém já foi pra Inglaterra aqui?”	Pág 87
Figura 9- Forma da onda, f0 e segmentação da pergunta: “Alguém que perguntar alguma coisa em Portuguese, pra mim?”	Pág 88
Figura 10 -Forma da onda, f0 e segmentação da pergunta: “Has anybody been to England?”	Pág 89

LISTA DE QUADROS

Descrição	página
Quadro 1- descritivo dos tipos de bilíngüe e suas definições proposto por Wei (2000)	págs 16 e 17
Quadro 2 descritivo dos tipos de bilíngües proposto por Hamers & Blanc, 1989	pág 18
Quadro 3 -Novo quadro descritivo dos tipos de bilíngüe proposto neste trabalho, baseado nos quadros de Wei (2000) e Harmers & Blanc (1989) descritos anteriormente	Págs 19, 20, 21 e 22
Quadro 4 – Alfabeto Yoruba	Pág 59
Quadro 5 - descritivo com os acentos do Yoruba	Pág 60
Quadro 6 – descritivo da língua tonal	pág 61
Quadro 7- Quadro descritivo do sujeito de pesquisa, segundo ao quadro 3 proposto neste trabalho	pág 72

LISTA DE GRÁFICOS

Descrição	página
Gráfico 1 – Porcentagem de <i>code-switching</i> de acordo com o contexto	Pág 69
Gráfico 2- Gráfico com os valores de F0 relacionados a produção da pergunta: “Alguém já foi pra Inglaterra aqui?” / Padrão entoacional ascendente	Pág 87
Gráfico 3- Gráfico com os valores de F0 relacionados a produção da pergunta: “Alguém quer perguntar alguma coisa em Portuguese pra mim?” / Padrão entoacional ascendente	Pág 88

INTRODUÇÃO

“Having identified the language as a social product to be studied in linguistics, one must add that language in humanity as a whole is manifested in an infinite diversity of languages: a language is the product of a society, but different societies do not have the same language.”

(Ferdinand de Saussure)

Estudiosos estimam que existam cerca de 6,000 línguas distribuídas político-geograficamente em quase 200 países. Devido a essa variedade o contato entre todas essas diferentes línguas¹, torna-se inevitável e conseqüentemente ocasionam o fenômeno lingüístico *language in contact* (Weinreich, 1953). Temos portanto, milhares de falantes bilíngües ou multilíngües espalhados pelo mundo, o que torna o bilingüismo um objeto de estudo em destaque nos dias atuais.

O bilingüismo é considerado um processo sociolingüístico que desperta interesse de estudiosos pelo crescimento significativo em diversos grupos sociais e pelas características individuais presentes em seus falantes. Segundo Mackey (1972) bilingüismo não é um fenômeno da linguagem; é uma característica de seu uso. Se a língua é uma propriedade de um grupo, bilingüismo é uma propriedade do indivíduo. Sendo assim, levarei em conta as diferenças no bilingüismo e o complexo variável interligado ao mesmo.

De acordo com Li Wei (2000), bilingüismo, com seu entrelaçamento com multiculturalismo, é um objeto de relevância social em uma sociedade pluralizada. Linguagem não é apenas um processo cognitivo, ela possui um contexto efetivo. O processo de aquisição de uma segunda língua² é uma experiência que tem não apenas um contexto social, mas também implicações de ordem psicológica.

Para esta pesquisa, defino um bilíngüe como um indivíduo que usa uma, duas ou mais línguas no seu dia-a-dia, adquirindo competência comunicativa³ e proficiência nas línguas envolvidas de acordo com suas necessidades e do

¹ Definimos língua, no âmbito social, como a expressão predominantemente falada em um determinado local e/ou país, sendo o dialeto uma de suas variações nos diversos níveis do sistema lingüístico: semântico, sintático, lexical e fonético-fonológico. (Li Wei, 2000).

² Definimos segunda língua como o outro (ou segundo) idioma que o sujeito tem contato, sem ser a sua primeira língua.

³ Segundo Hymes (1971), a *Competência Comunicativa* deve ser compreendida como um conjunto de habilidades e conhecimentos necessários para que os falantes de uma comunidade lingüística possam se entender, ou seja, tal competência seria a nossa capacidade de interpretar e usar, de maneira adequada, o significado social das variedades lingüísticas, em quaisquer circunstâncias.

input lingüístico a que é submetido. Devemos considerar, porém, que os falantes bilíngües tardios, carregam traços de sua língua materna involuntariamente, quando ocorre a mudança do código lingüístico (*code-switching*) em interações com bilíngües e / ou monolíngües. (Grosjean, 1982)

Posso considerar então que, a interferência de uma língua na outra, não se dá com tanta intensidade nos bilíngües de infância que, desde o nascimento tem contato com as duas línguas, e conseguem mais facilmente manter os sistemas lingüísticos distintos, não apresentando alguns, ou até mesmo nenhum, dos traços fonéticos, fonológicos e lexicais de uma língua na outra. Isto porém é redundante se pensarmos em todo contexto e todas as variáveis que se deve considerar em se tratando de sujeitos bilíngües.

O uso de *code-switching* é, por conseguinte, um importante aspecto do bilingüismo ao qual tem sido atribuída uma série de definições. De acordo com McClure (1981) não há um consenso entre os pesquisadores do que realmente constitui um *code-switching*. Os mecanismos envolvidos nesse processo são complexos e impõem desafios de variadas naturezas por implicarem aspectos lingüísticos, culturais e sociais.

Ao meu ver, *code-switching* é um processo natural pertencente à fala do sujeito bilíngüe, adaptada a suas necessidades de uso, sendo assim uma característica individual dele. Há alguns aspectos que devem ser considerados como: nível de proficiência, local, situações, contexto interacional, idade de aquisição, por este motivo julgamos necessário que este estudo seja um estudo de caso, podendo ser este estendido a futuras generalizações, porém lembramos que cada sujeito bilíngüe é um indivíduo único e possui características pessoais.

Por trabalhar há mais de doze anos como professora de inglês em instituições bilíngües e tradicionais (currículo brasileiro), conheci e tive contato com diversos falantes bilíngües (crianças e adultos). Pude então observar os mecanismos utilizados durante as interações entre bilíngües, e essa vivência motivou-me a investigar o tema do bilingüismo, que tem sido

objeto de pesquisa freqüente nas áreas da psicolingüística, sociolingüística e educação.

Esse trabalho⁴ pretende contribuir para a reflexão do tema bilingüismo, tratando dos aspectos relacionados à variação lingüística decorrente do fenômeno *code-switching*, por meio de uma análise da fala espontânea de um sujeito bilíngüe tardio em diversos contextos, sob as perspectivas da sociolingüística e da psicolingüística. Pretendo favorecer a discussão sobre os mecanismos de fala utilizados no momento em que o sujeito realiza a mudança do código lingüístico, refletindo sobre as estratégias comunicativas e as alterações lingüísticas de ordem prosódica, lexical e fonética.

Para iniciar esta análise, delimitei algumas questões pertinentes que são apresentadas a seguir.

1- Quais os fatores que influenciam na mudança do código lingüístico em um bilíngüe tardio?

O primeiro aspecto observado compreendem os fatores que desencadearam a mudança de código. O sujeito bilíngüe, quando interagindo com outro bilíngüe insere palavras de outra língua, variando o código lingüístico. Avaliamos se esta mudança foi provocada pela mudança de assunto, desconhecimento de termos lingüísticos adequados para construção da sentença utilizada ou ainda desencadeada por um termo específico da outra língua. Verificamos também se a mudança de código se deu nos dois sentidos: da primeira língua⁵ para a segunda língua e/ou da

⁴ As regras de formatação, a partir das quais este trabalho foi realizado, seguem as propostas por Severino, 2003.

⁵ Definimos neste trabalho primeira língua ou língua materna como o primeiro idioma que o sujeito tem contato desde sua infância.

segunda língua para a primeira língua e se os aspectos de ordem entoacionais, fonéticos e lexicais da língua matriz⁶ foram preservados.

2- Como as estruturas lexicais e fonéticas se apresentam quando há a mudança de código lingüístico?

Observei algumas questões referentes ao uso lexical e às características segmentais e prosódicas. Avaliamos a natureza do léxico usado no *code-switching* para verificar se há diferenças de produção sonora e se há equivalência em relação ao léxico escolhido durante a interação.

Parti do pressuposto de que o *code-switching* é um recurso utilizado pelo falante bilíngüe para expressar-se com um significado social. Usarei o termo significado social para me referir a um valor social implícito a um discurso e dentro de um determinado contexto. Considerar a contextualização (Gumperz, 1982), uso verbal e não verbal de signos relacionados com o que é dito no momento do discurso acrescido de experiências e conhecimentos pré-adquiridos pelo falante, é de suma importância para que os aspectos analisados sejam interpretados.

Esta dissertação compreende três capítulos, seguidos das considerações finais. No capítulo 1, apresento os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. Nele, trato da definição de bilingüismo, definindo o falante bilíngüe em torno do meu sujeito de pesquisa, a conceituação e teorias sobre *code-switching* com base na sociolingüística e psicolingüística, as quais regem este trabalho e fundamentos da análise fonético-acústica da entoação.

⁶ Segundo Scotton (1993), a língua matriz é a principal língua na mudança de código, aquela em torno da qual tudo se desenvolve. É também chamada de língua base.

O capítulo 2 concentrar-se-á aos procedimentos metodológicos da pesquisa, incluindo o sujeito de pesquisa, a gravação e transcrição dos dados e descrição dos cinco instrumentos da análise.

O capítulo 3 apresenta a discussão e resultados dos dados coletados e, na seqüência, as Considerações Finais focalizarão a síntese dos resultados apontados pelo estudo. Por fim, apresento as referências bibliográficas e os anexos.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Bilingualism is for me the fundamental problem of linguistics”

(Jakobson, 1953)

Abordarei, a seguir, os termos fundamentais para o desenvolvimento deste projeto. Após a conceituação dos termos, explicarei minhas opções de trabalho.

1- Bilingüismo

Bilingüismo é um tema de grande discussão entre pesquisadores das áreas da lingüística, sociolingüística, psicolingüística e neurolingüística pela complexidade de fatores envolvidos em seu processo. A nossa perspectiva, neste estudo, é a sociolingüística e psicolingüística, com ênfase na fala espontânea de um indivíduo bilíngüe tardio.

1.1- Definição

O termo bilíngüe é descrito primariamente como um indivíduo que tem proficiência em duas línguas. No entanto, há várias definições pertinentes ao uso simultâneo de duas línguas. Para muitas linhas de pensamento, o bilíngüe é uma espécie rara que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo de um monolíngüe, quando fala uma de suas línguas. Para outras o bilingüismo mostra-se presente em diversas nações do mundo, em classes sociais e faixas etárias distintas, adquirindo suas línguas em diferentes fases da vida e dificilmente são igualmente fluentes em todas elas e em todos os níveis (Grosjean, 1982).

Várias propostas surgiram entre as décadas de 30 e 50, concentrando seus estudos no bilingüismo individual, focalizando o uso da língua pelo indivíduo e analisando aspectos como a competência⁷, o desempenho, a interferência e a fluência.

⁷ Segundo Chomsky, (1965) *competência* significa conhecimento da língua, isto é, das suas estruturas e regras e *desempenho* é o uso real da língua em situações concretas, numa construção marcadamente dicotômica, sem qualquer preocupação com a função social da língua.

Um dos primeiros trabalhos de natureza lingüística sobre bilingüismo foi realizado por Bloomfield em 1935, o qual descreve o “bilíngüe ideal” como sendo aquele que possui o mesmo grau de proficiência nas duas línguas, ou seja, bilíngües são apenas aqueles indivíduos cujo desempenho lingüístico, em todos os níveis (fala, leitura, escrita e compreensão), se assemelha ao de um falante nativo (Bloomfield, 1935; Thiery, 1978 apud Grosjean, 1982).

Segundo Mello (1999), no cenário mundial, tivemos a partir de Bernstein na década de 60, uma conceituação de bilingüismo baseada na teoria do déficit. Acreditava-se que crianças bilíngües tinham seu desenvolvimento retardado em relação a outras da mesma idade. A idéia era de que aprender dois idiomas significava uma dispersão de recursos cerebrais e que, acima de tudo, essas crianças apresentavam deficiências de desenvolvimento não só no aprendizado da língua, mas em outros aspectos também.

Estas afirmações repercutiram por toda a sociedade da época e até hoje podemos observar algumas seqüelas que ainda permanecem na forma de mitos como "Aprender duas línguas ao mesmo tempo confunde a criança e diminui sua inteligência" ou "A criança deve aprender primeiro uma língua direito para depois aprender a outra."⁸

Os estudos desta época eram baseados em resultados de análises realizadas com dados de filhos de imigrantes recém chegados aos Estados Unidos e por isso, apresentavam resultados insatisfatórios para o grau de desenvolvimento comparado com de falantes monolíngües, baseando-se em um grau mínimo de exigência esperado para uma criança dita como normal. Estes trabalhos, porém, começaram a ser questionados por serem restritos a uma seleção que não continha amostras de vários segmentos da sociedade e portanto não podendo ser generalizados.

⁸ Os mitos citados foram retirados de um site de discussão sobre bilingüismo http://www.vivernaalemanha.de/index.php?option=com_content&task=view&id=42&Itemid=74.

Segundo Milroy & Muysken (1995), nas décadas de 50 a 60, contrapondo as propostas que idealizavam o bilíngüe ideal (ambilíngüe), ou seja, o que tem o mesmo nível de proficiência em ambas as línguas, surgiram estudos baseados no bilingüismo individual, como o de Rojat (1913, apud Mello 1989) que descreve a aquisição do francês e do alemão por seu filho Louis e do americano Werner Leopold (1939-1949, apud Mello 1989), considerado um dos pioneiros dos estudos sobre educação bilíngüe, os quais viriam a observar alguns pontos consideráveis sobre bilingüismo. Leopold realizou um estudo com seus filhos baseado na estratégia uma pessoa - uma língua, no qual ele (pai) interagiu somente em alemão e a mãe somente em inglês. As crianças cresceram desde sua infância com a influência do *input* lingüístico de duas línguas alternadas de acordo com o interlocutor. Ele observou que o bilingüismo não trouxe quaisquer problemas ao desenvolvimento intelectual de seus filhos, vindo de encontro com os teóricos da época. Além disto observou as questões da separação das línguas, a influência do interlocutor, a competência lingüística do bilíngüe e influência da língua dominante⁹ na fraca.

Em oposição aos estudiosos estruturalistas, vieram algumas abordagens baseadas no desempenho individual do falante bilíngüe a partir de análise quantitativa regida por testes de fluência, de flexibilidade e dominância obtidos por meio de entrevistas, questionários e auto-avaliação. Temos então duas definições importantes nesta época. A de Macnamara (1969) que considera um bilíngüe aquele que apresenta uma das habilidades (falar, escrever, ler, ouvir) em língua diferente de sua língua materna e Haugen (1969) que considera o desempenho lingüístico dos bilíngües segundo uma escala de fluência gradativa, partindo da capacidade de produzir mínimos enunciados significativos até atingir um grau máximo de fluência (Haugen, 1969).

⁹ Língua dominante é a língua que o sujeito recebe o maior *input* lingüístico, ou seja, geralmente aquela usada na comunidade que o cerca e a língua fraca é aquela que o sujeito recebe o menor *input* lingüístico (família ou escola). (Grosjean, 1985)

Os lingüistas da época passaram, então, a questionar esses testes pois comparavam a competência lingüística de bilíngües a partir de parâmetros monolíngües e pelo fato de que o grau de domínio de uma língua é relativa e pode variar de acordo com as circunstâncias e situação em que a interação ocorre.

A partir da década de 70 temos, então, uma mudança considerável nas abordagens da época e a conseqüente junção de esforços de pesquisadores das áreas da lingüística, sociolingüística, psicolingüística e neurolingüística. O bilingüismo individual passou a ser visto como o bilingüismo social. A preocupação passa a ser então as mudanças que ocorrem na língua e seu uso em relação à comunidade. (Mello, 1999)

As pesquisas baseadas na sociolingüística que surgiram a partir da década de 80, focalizam, principalmente, o uso das línguas e as funções que elas exercem nos diversos domínios (teoria funcionalista), ou seja, a necessidade do indivíduo de adquirir e usar uma determinada língua em um determinado local, quando em contato com esta ou aquela pessoa. (Grosjean, 1982)

Posso considerar o bilíngüe como o falante que usa duas ou mais línguas (ou dialetos) em sua vida diária. Bilíngües não são dois monolíngües completos ou incompletos mas têm uma configuração única e específica (Grosjean, 1982). Tendo em vista esta definição, será então quase que impossível um indivíduo desenvolver a mesma competência nas duas línguas com o mesmo grau de proficiência em todas as habilidades lingüísticas, ou seja falar, escrever, ler e ouvir igualmente nos dois idiomas, em qualquer situação social. Em alguma situação específica ou assunto específico, o indivíduo, por mais proficiente que seja, irá preferir uma língua ou a outra. Para mim, o que fica claro é a inexistência então de um sujeito ambilíngüe¹⁰ ou bilíngüe ideal.

¹⁰ Ambilíngüe é aquele que possui o mesmo nível de proficiência em ambas as línguas. (Wei, 2000)

Para esta pesquisa, utilizarei a definição usada por Grosjean (1982) que descreve o bilíngüe como aquele que faz uso dos dois idiomas em sua vida diária e que por isso adquire competência e proficiência em ambas devido ao *input* diário a que é submetido. Ou seja, o bilíngüe na verdade é descrito pela funcionalidade lingüística significativa em sua vida, em seu dia-a-dia.

1.2. Fatores externos

Considerando-se que o bilingüismo é um fenômeno mundial presente nos mais diversos contextos sociais, e que em algumas sociedades atinge grande importância política e social, é fundamental compreender que as duas ou mais línguas envolvidas, freqüentemente representam diferentes redes sociais às quais associam-se a sistemas de valores. A escolha da língua por parte do sujeito auxilia, dessa forma, a simbolizar sua identificação cultural com cada sistema lingüístico. As pressões vivenciadas pelo sujeito podem ser de ordem econômica, administrativa, cultural, política, militar, histórica, religiosa ou demográfica. (Wei, 2000)

Razões econômicas podem obrigar o indivíduo a utilizar um idioma distinto do seu lar, um que tenha maior prestígio na comunidade onde trabalha, por exemplo. Da mesma maneira, trabalhadores da área administrativa de certos países podem ter a necessidade ou a obrigação oficial de dominar mais de uma língua.

Conforme o país ou a profissão exercida, torna-se imperiosa a fluência em mais de um código, especialmente em aqueles pelos quais cultura e tecnologia são normalmente veiculadas. Pertencer às forças armadas localizadas no exterior, servir em um país onde a língua não é a mesma falada no lar, ocupar regiões estrangeiras são razões fortes para que alguém exercite outro idioma.

A situação das línguas que convivem em um mesmo espaço físico depende, na maioria das vezes, do papel exercido por cada uma delas historicamente. O papel desempenhado pela mais forte é atribuível, geralmente, a razões de

domínio político ou cultural ocorridas historicamente e influencia, assim, sua utilização por parte dos falantes.

A religião exerce, igualmente, grande poder no que diz respeito à utilização dos idiomas, já que alguém pode se tornar fluente em um idioma por motivos puramente religiosos.

Por último, o número de falantes de uma determinada língua com os quais o sujeito entra em contato poderá delimitar a língua dominante utilizada pelo sujeito bilíngüe.

1.3. Fatores internos

O bilingüismo, tal como já visto, não se relaciona apenas a fatores de ordem externa. Fatores de ordem interna também influenciam a existência e a manutenção desse fenômeno.

Aquilo que o indivíduo bilíngüe realiza com suas línguas internamente, sem função comunicativa, contribui para determinar a função exata de cada uma delas. Atividades mentais que necessitam da linguagem, tais como contar, recitar tabuadas de multiplicação, dizer o alfabeto de memória, fazer anotações pessoais, escrever diários íntimos, rezar em voz baixa, dizer palavras ou sonhar podem ser realizados em ambas as línguas pelo sujeito ou apenas em uma. Pode ocorrer que o falante utilize um código para algumas delas e outro para outras. Nem sempre é no idioma dominante que se realizam tais comunicações internas.

Em relação ao uso de uma determinada língua para desempenhar determinada tarefa, Weinreich (1953) afirma que, muitas vezes, existem elementos que são memorizados como textos verbais e que dificilmente conseguem ser ativados em um idioma outro, salvo por meio de esforço consciente. Por exemplo, quando um sujeito reza todos os dias em um idioma e não está acostumado a rezar no outro idioma, se, por ventura, um dia ele percebe isso e decida mudar, ou, então, se o sujeito passa por uma situação

que seja obrigado a fazê-lo como rezar com outras pessoas que não falam outro idioma, teria de fazer um esforço consciente para desempenhar essa tarefa.

É relevante determinar, também, quais são os fatores que podem influenciar a aptidão do bilíngüe no que diz respeito ao uso efetivo de seus códigos lingüísticos, assim como aqueles que podem ser influenciados por ela.

Dentre tais fatores, é preciso considerar a atitude demonstrada pelo sujeito em relação às suas línguas e aos falantes da mesma. De acordo com a forma como os conceber, esses elementos exercerão maior ou menor impacto no seu comportamento nas diferentes áreas de contato.

É possível, por conseguinte, que o conceito emitido por nativos de sua língua não dominante motive o sujeito a utilizá-la no futuro ou então, que o inibam de fazê-lo. Outrossim, uma rejeição social de sua primeira língua por parte dos falantes da língua mais prestigiada poderá originar sentimentos de desprezo e recusa em falá-la.

A estigmatização sofrida por falantes de línguas minoritárias tanto pode levar o indivíduo a rejeitar a sua língua, buscando não ser reconhecido como membro de um grupo desprestigiado quanto fazer com que surja, justamente, um sentimento de lealdade, orgulho e solidariedade com seus pares.

A atitude pode ter profundos efeitos na vida e nas línguas de um bilíngüe. É possível afirmar, assim, que dependerão da atitude do falante e da sociedade o aprendizado, o emprego e a preferência por um ou outro idioma.

A motivação constitui-se também em fator primordial na aquisição ou manutenção do bilingüismo. A necessidade de desempenhar-se em mais de um idioma obedece a razões de variada ordem, desde a exigência que sente a criança exposta a mais de um código de se comunicar em ambos, até o adulto que, por diversos motivos, preza a situação de dominar mais de um sistema lingüístico.

A necessidade ou o desejo de ser identificado com o grupo falante de um idioma podem se transformar em uma espécie de aculturação positiva na medida em que, para se desempenhar razoável ou perfeitamente nesse sistema, o sujeito precisa ver o mundo do ponto de vista de uma cultura distinta daquela veiculada por sua outra língua.

Por outro lado, é fundamental que seu desejo de dominar mais de um código lingüístico se coadune com a tolerância a algum grau de estresse psicológico derivado do fato de funcionar em mais de um ambiente cultural.

A idade e a inteligência dos sujeitos influenciam seu bilingüismo na medida em que são determinantes de algum tipo de desenvolvimento lingüístico diferenciado. O grau e o tipo de proficiência de alguém em mais de uma língua corresponderá, na maior parte das vezes, à idade na qual se tornou bilíngüe.

1.4. Tipos de bilíngüe

A distinção de tipos de bilíngüe está intimamente ligada à definição de bilingüismo, o que causa controvérsia por parte de muitos estudiosos.

Temos assim uma grande variedade terminológica que distingue sujeitos bilíngües.. Os autores descrevem o sujeito bilíngüe de acordo com um determinado critério, por exemplo, idade de aquisição, maneira de aquisição, aspectos culturais das línguas envolvidas, interferência de uma língua na outra, grau de competência, entre outros.

Segundo Wei (2000), há 40 (quarenta) tipos de bilíngües descritos na literatura sobre bilingüismo conforme o quadro abaixo.

Irei, a seguir descrever os conceitos apresentados por Wei (2000) e Hamers & Blanc (1989) e depois destacar os mais relevantes para esta pesquisa. Hamers & Blanc (1989) consideram seis dimensões relevantes para a definição de bilingüismo.

Quadro 1 - descritivo dos tipos de bilíngüe e suas definições proposto por Wei (2000) ¹¹**VARIETIES OF BILINGUALS**

<i>achieved bilingual</i> <i>late bilingual</i>	<i>Someone who has become a bilingual later than childhood</i>
<i>additive bilingual</i>	<i>Someone whose languages combine in a complementary and enriching fashion.</i>
<i>ambilingual</i> <i>balanced bilingual</i> <i>equilingual</i> <i>symmetrical bilingual</i>	<i>Someone whose mastery of two languages is roughly equivalent.</i>
<i>ascendant bilingual</i>	<i>Someone whose ability to function in a second language is developing due to increased use.</i>
<i>ascribed bilingual</i> <i>early bilingual</i>	<i>Someone who has acquired two languages early in childhood.</i>
<i>asymmetrical bilingual</i> <i>receptive bilingual</i> <i>semibilingual</i> <i>passive bilingual</i>	<i>Someone who understands a second language, in either its spoken or written form, or both, but does not necessarily speak or write it.</i>
<i>compound bilingual</i>	<i>Someone whose two languages are learnt at the same time, often in the same context.</i>
<i>consecutive bilingual</i> <i>successive bilingual</i>	<i>Someone whose second language is added at some stage after the first has begun to develop.</i>
<i>co-ordinate bilingual</i>	<i>Someone whose two languages are learnt in distinctively separate contexts.</i>
<i>covert bilingual</i>	<i>Someone who conceals his or her knowledge of a given language due to an attitudinal disposition.</i>
<i>diagonal bilingual</i>	<i>Someone who is a bilingual in a non-standard language or a dialect and an unrelated standard language.</i>
<i>dominant bilingual</i>	<i>Someone with greater proficiency in one of his or her languages and uses it significantly more than the other language (s).</i>
<i>dormant bilingual</i>	<i>Someone who has emigrated to a foreign country for a considerable period of time and has little opportunity to keep the first language actively in use.</i>
<i>functional bilingual</i>	<i>Someone who can operate in two languages with or without full fluency for the task in hand.</i>

¹¹ WEI, Li. The bilingual reader. Routledge (p. 6 e 7). As terminologias relacionadas ao mesmo significados foram agrupadas. Por exemplo: “achieved bilingual” e “late bilingual” ambos são o mesmo que: alguém que tenha se tornado bilíngüe depois do período de infância.

<i>horizontal bilingual</i>	<i>Someone who is bilingual in two distinct languages which have a similar or equal status.</i>
<i>incipient bilingual</i>	<i>Someone at the early stages of bilingualism where one language is not fully developed.</i>
<i>maximal bilingual</i>	<i>Someone with near native control of two or more languages.</i>
<i>minimal bilingual</i>	<i>Someone with only a few words and phrases in a second language.</i>
<i>natural bilingual primary bilingual</i>	<i>Someone who has not undergone any specific training and who is often not in a position to translate or interpret with facility between two languages.</i>
<i>productive bilingual</i>	<i>Someone who not only understands but also speaks and possibly writes in two or more languages.</i>
<i>recessive bilingual</i>	<i>Someone who begins to feel some difficulty in either understanding or expressing him or herself with ease, due to lack of use.</i>
<i>secondary bilingual</i>	<i>Someone whose second language has been added to a first language via instruction.</i>
<i>semilingual</i>	<i>Someone with insufficient knowledge of either language.</i>
<i>simultaneous bilingual</i>	<i>Someone whose two languages are present from the onset of speech.</i>
<i>subordinate bilingual</i>	<i>Someone who exhibits interference in his or her language usage by reducing the patterns of the second language to those of the first.</i>
<i>subtractive bilingual</i>	<i>Someone whose second language is acquired at some stage after the first has begun to develop.</i>
<i>vertical bilingual</i>	<i>Someone who is bilingual in a standard language and a distinct but related language or dialect.</i>

As seis dimensões propostas por Hamers e Blanc (1989) para definir tipos de bilíngüe compreendem: (1) competência relativa, (2) organização cognitiva, (3) idade de aquisição, (4) *input* lingüístico, (5) *status* das línguas envolvidas e (6) identidade cultural.

Quadro 2¹² descritivo dos tipos de bilíngües proposto por Hamers & Blanc, 1989.

Table 2.1 Summary table of psychological dimensions of bilinguality (Hamers & Blanc, 1989)

Dimension	Type of bilinguality	Comments*
1. according to competence in both languages	(a) balanced bilinguality (b) dominant bilinguality	$L_{A/1}$ competence = $L_{B/2}$ competence $L_{A/1}$ competence > or < $L_{B/2}$ competence
2. according to cognitive organisation	(a) compound bilinguality (b) coordinate bilinguality	$L_{A/1}$ unit equivalent to $L_{B/2}$ unit = one conceptual unit $L_{A/1}$ unit = one conceptual unit 1 $L_{B/2}$ equivalent = one conceptual unit 2
3. according to age of acquisition	(a) childhood bilinguality (i) simultaneous (ii) consecutive (b) adolescent bilinguality (c) adult bilinguality	$L_{B/2}$ acquired before age of 10/11 L_A and L_B = mother tongues L_1 = mother tongue; L_2 acquired before 11 L_2 = acquired between 11 and 17 L_2 = acquired after 17
4. according to presence of L_2 community in environment	(a) endogenous bilinguality (b) exogenous bilinguality	presence of L_2 community absence of L_2 community
5. according to the relative status of the two languages	(a) additive bilinguality (b) subtractive bilinguality	$L_{A/1}$ and $L_{B/2}$ socially valorised → cognitive advantage L_2 valorised at expense L_1 → cognitive disadvantage
6. according to group membership and cultural identity	(a) bicultural bilinguality (b) L_1 monocultural bilinguality (c) L_2 acculturated bilinguality (d) deculturated bilinguality	double membership and bicultural identity $L_{A/1}$ membership and cultural identity $L_{B/2}$ membership and cultural identity ambiguous membership and anomic identity

* For an explanation of L_A , L_B , L_1 , L_2 , see p. 372

A partir das 40 definições relacionadas por Wei (2000) e das seis dimensões propostas por Hamers & Blanc, elaboramos um novo quadro reclassificando as definições em nove critérios distintos: (1) Idade de aquisição, (2) Modo de aquisição, (3) Competência lingüística, (4) Língua dominante na comunidade, (5) Desempenho, (6) Identidade Cultural, (7) Contexto Social, (8) Língua padrão¹³, (9) Educação.

No quadro a seguir, utilizamos a mesma definição proposta por Hamers & Blanc (1989) para as seguintes nomenclaturas:

- L1 (primeira língua) ou primeiro idioma que o indivíduo teve contato (língua materna);

¹²Hamers & Blanc, 1989. Bilinguality and Bilingualism, (p. 26)

¹³ Língua padrão é aquela falada por aqueles que detêm o poder econômico e cultural em uma determinada comunidade, isto é, aquela dominada por uma elite. (Wolfson, 1986)

- L2 (segunda língua) ou segundo idioma que o indivíduo teve contato, posteriormente ao processo de aquisição da primeira língua;
- LA (língua A) Língua materna adquirida simultaneamente com a língua B;
- LB (língua B) Língua materna adquirida simultaneamente com a língua A;

Quadro 3 -Novo quadro descritivo dos tipos de bilíngüe proposto neste trabalho, baseado nos quadros de Wei (2000) e Harmers & Blanc (1989) descritos anteriormente.

CrITÉRIOS	Tipos de bilíngües	Definição¹⁴
1- Idade de aquisição	A-Bilíngüe de infância ou bilíngüe atribuído (adquirido) B-Bilíngüe tardio ou ativado B.1- Bilíngüe adolescente (entre 11 e 17 anos) B.2- Bilíngüe adulto (a partir dos 17 anos)	Indivíduo que tem contato com duas (ou mais) línguas durante a infância (0 – 11 anos) Indivíduo que tem contato com duas (ou mais) línguas após o período crítico (fase adolescente / adulta)
2- Modo de aquisição	A- Bilíngüe simultâneo B- Bilíngüe consecutivo ou sucessivo	Indivíduo que tem contato com ambas as línguas no mesmo período (durante a infância/fase de aquisição) Indivíduo que tem contato com uma segunda língua depois da primeira língua ter sido adquirida.
3- Competência Lingüística	A-Ambilíngue, eqüilingue, balanceado ou simétrico B-Bilíngüe em grau máximo	Indivíduo com a mesma competência lingüística em ambas as línguas. Indivíduo com o controle próximo ao de um nativo em duas ou mais línguas

¹⁴ As definições aqui apresentadas foram traduzidas por mim. Os dados estão no quadro apresentado por Wei (2000).

	C- Bilíngüe em grau mínimo	Indivíduo com o mínimo de proficiência na L2
	D-Bilíngüe dominante	Indivíduo que tem uma proficiência maior em uma das línguas devido ao uso mais significativo (geralmente a L1/A)
	E- Semilíngüe	Indivíduo com conhecimento insuficiente em uma das línguas
	F-Bilíngüe Incipiente	Indivíduo que se encontra nos primeiros estágios da aquisição e uma das duas línguas ainda não foi adquirida.
4- Língua dominante na comunidade	A- Bilíngüe endógeno	Indivíduo que pertence a uma comunidade na qual há presença da L2/B
	B- Bilíngüe exógeno	Indivíduo que pertence a uma comunidade na qual há ausência da L2/B
5- Desempenho	A-Bilíngüe receptivo, passivo, assimétrico ou semibilíngüe	Indivíduo que compreende a L2 (fala e escrita), mas não necessariamente fala ou escreve.
	B-Bilíngüe produtivo	Indivíduo que entende e fala e provavelmente escreve em duas ou mais línguas.
	C- Bilíngüe natural ou	Indivíduo que tem facilidade em

	primário D-Bilíngüe funcional E-Bilíngüe recessivo F-Bilíngüe subordinado	interpretar ou traduzir ambas as línguas Indivíduo que consegue operar em ambas as línguas com ou sem fluência Indivíduo que sente dificuldade em entender e expressar dependendo da situação / uso. Indivíduo que demonstra interferência no uso da língua, restringindo a L2.
6- Identidade Cultural	A-Bilíngüe bicultural B-Bilíngüe monocultural C-Bilíngüe acultural D-Bilíngüe descultural	Indivíduo que se identifica positivamente com os dois grupos sociais Indivíduo que se identifica apenas com um dos grupos em questão. Indivíduo que renuncia valores da identidade cultural da L1 e adota valores relacionados com a L2 Ausência de identidade cultural
7- Contexto Social	A-Bilíngüe ascendente B-Bilíngüe composto	Indivíduo que está aumentando a competência lingüística na segunda língua devido ao seu uso diário Indivíduo que tem contato com as línguas no mesmo período e no mesmo contexto

	C-Bilíngüe coodernado D-Bilíngüe dormante (não ativado, hiberno) E-Bilíngüe encoberto	Indivíduo que aprende as duas línguas em contextos diferentes Indivíduo que imigrou para um outro país por um período de tempo considerável e não tem oportunidade de manter a L1 ativada Indivíduo que oculta seu conhecimento devido a uma disposição atitudinal.
8- Língua padrão	A-Bilíngüe aditivo ou horizontal B-Bilíngüe subtrativo C-Bilíngüe diagonal D-Bilíngüe vertical	Indivíduo inserido em contexto no qual LA/1 e LB/2 são socialmente valorizadas Indivíduo inserido em contexto no qual a L2 é mais valorizada que a L1 Indivíduo que teve contato com um dialeto e uma língua padrão não relacionada a este dialeto Indivíduo que teve contato com uma língua (ou dialeto) não padrão e com uma língua padrão que não tem relação com a não padrão.
9- Educação	A-Bilíngüe secundário	Indivíduo que teve contato com a L2 por meio de instrução

1.4.1 Idade de Aquisição

A idade da aquisição é um dos fatores mais importantes para definirmos um sujeito bilíngüe, pois de acordo com a faixa etária do indivíduo, teremos um desempenho diferenciado em relação ao desenvolvimento lingüístico, neuropsicológico, cognitivo, social e cultural.

Podemos distingüir dois grandes grupos: bilíngüe de infância e bilíngüe tardio. Consideraremos aqui o período crítico proposto por Beardsmore (1982, apud Mello 1999) que vai até os onze anos o qual determinará o primeiro grupo – bilíngüe de infância. Iremos, por conseguinte, subdividir o segundo grupo bilíngüe tardio em: adolescente (de 11 a 17 anos) e adulto (a partir dos 17 anos).

1.4.2. Modo de Aquisição

Segundo o modo de aquisição podemos ter: bilíngüe simultâneo e bilíngüe consecutivo. O bilíngüe simultâneo passa pelo processo de aquisição simultaneamente em ambas as línguas sendo exposto às duas línguas (línguas A e B) desde seu nascimento e/ou durante a primeira infância ou período crítico que segundo McLaughlin (1978, apud Mello, 1999) é o período de até 3 anos de idade. Após este período, o indivíduo terá, segundo o autor, uma aquisição consecutiva ou sucessiva, ou seja o indivíduo será exposto a uma segunda língua após a aquisição de uma primeira língua.

Segundo Grosjean (1985), o bilíngüe de infância por ter adquirido os idiomas precocemente, geralmente dentro do seu próprio lar ou em uma instituição de ensino, tem um melhor desempenho lingüístico do que o bilíngüe tardio, se aproximando do nível de proficiência esperado ao de um falante nativo.

Segundo Romaine (1995) acredita-se que os adultos bilíngües tardios apresentem mais características de acento, ritmo, entonação e sons da fala de sua primeira língua na produção de sua segunda língua do que bilíngües de infância.

Evidências a favor dessa tendência, advém de resultados de estudos da neurociência com base em dados de ressonância magnética. Observando as fotos das figuras¹⁵ analisadas pelo grupo de pesquisa da Universidade de Calgary, no Canadá, chefiada pelo Dr. John Archibald, podemos constatar que o bilíngüe de infância apresenta uma representação cerebral diferente do bilíngüe tardio.

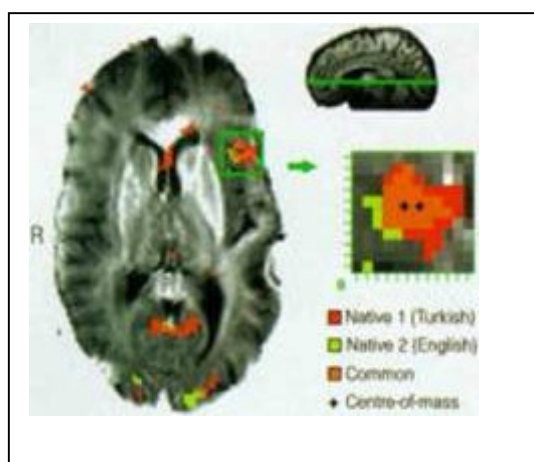


Figura 1 (bilíngüe de infância)

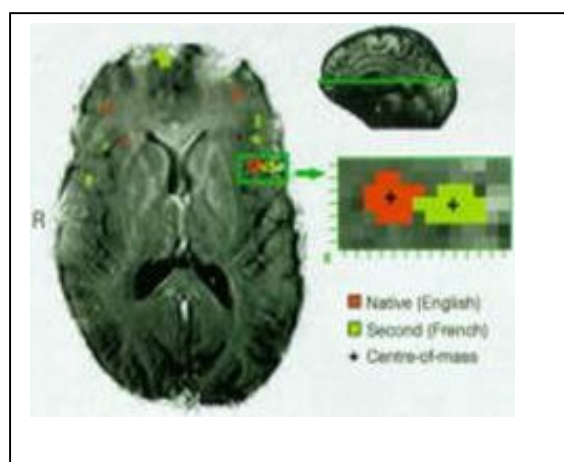


Figura 2 (bilíngüe tardio)

Na figura 1 temos a representação cerebral de um bilíngüe de infância. Podemos notar que os sistemas lingüísticos do bilíngüe de infância apresenta uma área comum os dois sistemas lingüísticos, representados pela cor laranja. Já na figura 2 temos a representação cerebral do bilíngüe tardio, ou seja de uma criança que passou pelo período de aquisição de uma segunda língua após 11 anos de idade. Podemos observar que os sistemas lingüísticos das duas línguas estão separados, e por isso não tem áreas em comum.

Esta seria a evidência para nos certificarmos da maior interferência por parte dos sujeitos bilíngües tardios em relação a segunda língua e a maior proficiência dos bilíngües de infância em relação a prosódia, fonética e fonologia.

¹⁵ Referência Bibliografica das figuras a seguir: Kim, Relkin, Lee, & Hirsch, (1997) how multiple languages are represented in the human brain (p. 171 e 173) .

1.4.3. Competência Lingüística

De acordo com a competência lingüística do bilíngüe podemos classificá-lo em (1) ambilíngüe, eqüilíngüe, balanceado ou simétrico, o qual seria aquele bilíngüe ideal proposto por Bloomfield já citado anteriormente e que ao nosso ver não existe. O bilíngüe por mais proficiente seja, de acordo com o local, participantes, assuntos, ou seja do domínio em que ele se encontra, irá preferir uma das duas línguas; (2) bilíngüe máximo, é aquele que se aproxima ao nativo em relação ao domínio de proficiência; (3) bilíngüe mínimo é aquele que tem o mínimo de proficiência na L2; (4) bilíngüe dominante é aquele indivíduo que tem uma proficiência maior em uma das línguas devido ao uso mais significativo (geralmente a L1/A); (5) semilíngüe é aquele com conhecimento insuficiente em uma das línguas; (6) bilíngüe Incipiente é aquele que se encontra nos primeiros estágios da aquisição e uma das duas línguas ainda não foi adquirida totalmente.

1.4.4. Língua dominante na comunidade

De acordo com o *input* recebido pelo indivíduo, ou seja a língua presente na comunidade que o cerca, podemos classificar: (1) bilíngüe endógeno quando há presença da L2/B na comunidade e (2) bilíngüe exógeno quando há a ausência da L2/B na comunidade.

1.4.5. Desempenho

De acordo com o modo com o qual o sujeito usa os idiomas temos as seguintes classificações: (1) Bilíngüe receptivo, passivo, assimétrico ou semibilíngüe é aquele que compreende a L2 (fala e escrita), mas não necessariamente fala ou escreve; (2) bilíngüe produtivo é aquele que entende e fala e provavelmente escreve em duas ou mais línguas; (3) bilíngüe natural ou primário é aquele que tem facilidade em interpretar ou traduzir ambas as

línguas; (4) bilíngüe funcional é aquele que consegue operar em ambas as línguas com ou sem fluência; (5) bilíngüe recessivo é aquele que sente dificuldade em entender e expressar dependendo da situação / uso; (6) bilíngüe subordinado é aquele que demonstra interferência no uso da língua, restringindo a L2.

1.4.6. Identidade Cultural

De acordo com a identidade cultural do sujeito podemos classificá-lo em: (1) bilíngüe bicultural é aquele que se identifica positivamente com os dois grupos sociais; (2) bilíngüe monocultural é aquele que se identifica apenas com um dos grupos em questão; (3) bilíngüe acultural é aquele que renuncia os valores da sua identidade cultural relacionada com a L1 e adota valores relacionados com a L2; (4) bilíngüe descultural é aquele que apresenta ausência de identidade cultural.

1.4.7. Contexto Social

De acordo com o contexto social no qual está inserido temos: (1) bilíngüe ascendente é aquele que está aumentando a competência lingüística na segunda língua devido ao seu uso diário; (2) bilíngüe composto é aquele que tem contato com as línguas no mesmo período e no mesmo contexto; (3) bilíngüe coordenado é aquele que aprende as duas línguas em contextos diferentes; (4) bilíngüe não ativado é aquele que imigrou para um outro país por um período de tempo considerável e não tem oportunidade de manter a L1 ativada; (5) bilíngüe encoberto é aquele que oculta seu conhecimento devido a uma disposição atitudinal.

1.4.8. Língua padrão

De acordo com a língua padrão utilizada pela comunidade no qual o individuo encontra-se inserido temos: (1) bilíngüe aditivo ou horizontal é quando a LA/1

e LB/2 são socialmente valorizadas; (2) bilíngüe subtrativo é quando a L2 mais valorizada que L1; (3) bilíngüe diagonal é quando o indivíduo teve contato com um dialeto e uma língua padrão não relacionada a este dialeto; (4) bilíngüe vertical é quando o indivíduo teve contato com uma língua (ou dialeto) não padrão e numa língua padrão que não tem relação com a não padrão.

1.4.9. Educação

Podemos destacar o bilíngüe secundário que é aquele que teve contato com a L2 por meio de instrução.

Depois da descrição do quadro aqui proposto, apresentamos a classificação do sujeito de pesquisa deste trabalho conforme sua descrição no capítulo II intitulado metodologia da pesquisa no sub-item sujeito da pesquisa (1.2), no capítulo III intitulado considerações finais.

2- *Code-switching* (CS)

Code-switching é o uso alternado de duas ou mais línguas no discurso (Poplack, 1980). Isto é, as vezes falantes multilingües alternam o código lingüístico enquanto conversam com outros falantes multilingües. As mudanças de código podem acontecer entre ou na própria sentença, e elas podem ser ocasionadas por inúmeras razões, tais como ênfase, desconhecimento do léxico, ou fatores emocionais. O *code-switching* pode ser abordada de diversas perspectivas: a perspectiva lingüística, mais ampla cujo foco de interesse são as fronteiras lingüísticas que tendem a disparar a mudança do código; a perspectiva psicolingüística que se centra na investigação de como os sujeitos bilíngües armazenam e acessam as informações durante a interação; a perspectiva sociolingüística que se ocupa de questões relacionadas à alternância dos códigos lingüísticos pelos sujeitos, descrevendo a escolha lingüística no nível micro, focando um

episódio interacional específico ou no nível macro, analisando características dentro de uma comunidade lingüística maior.

Neste trabalho analisarei o *code-switching* utilizando as abordagens sociolingüística e psicolingüística.

O termo *code-switching* é crucial para este estudo e refere-se ao uso alternado de duas ou mais códigos dentro do discurso.

Código é aqui utilizado como língua ou variação lingüística. Neste trabalho usarei os termos *code-switching*, alternância lingüística, mudança de código com igual equivalência, eventualmente substituindo *code-switching* pelo acrônimo CS.

Vale ressaltar também que acredito que a mudança de código não está presente somente na fase inicial do processo de aquisição de duas ou mais línguas, mas também em qualquer fase do modo de fala bilíngüe, não ocorrendo aleatoriamente, em decorrência de dificuldades de ordem lexical ou sintática, mas sim como uma estratégia lingüística característica do falante bilíngüe.

2.1 – Abordagem psicolingüística

Até os anos 60, a literatura catalogava todos os fenômenos de contato de línguas, observados na produção do bilíngüe, como interferência (Weinreich, 1953). A partir dos anos 70, toda investigação passa a se basear em modelos lingüísticos do funcionamento da linguagem e em modelos cognitivos da memória.

Contudo, por se tratar de uma área de investigação muito recente, quer a nível dos sistemas lingüísticos do bilíngüe quer ao nível dos processos psicolingüísticos observados durante a percepção, compreensão e produção da língua (Milroy & Muysken, 1995), verifica-se uma sobreposição de fenômenos diferentes que culminam em resultados contraditórios de estudos

que são questionáveis por se tratar de um posicionamento específico e devido a inúmeras variáveis presentes nestes trabalhos, levando em conta as particularidades individuais de cada sujeito bilíngüe como já foi relatado anteriormente neste trabalho.

Julgo pois, de extrema valia que sejam expostos aqui alguns dos trabalhos relevantes sobre o tema bilingüismo na área da psicolingüística.

2.1.1- Representação cerebral

Desde que o bilingüismo passou a interessar os estudiosos, a representação dos dois sistemas lingüísticos no cérebro do indivíduo tem sido motivo de grande controvérsia.

Paradis (1983) confirma a existência de quatro hipóteses que tentam dar conta de tal fenômeno, a saber :

1- A hipótese do *sistema estendido*, segundo a qual os elementos da segunda língua adicionam-se aos da primeira língua. Assim, os fonemas da segunda língua são tratados pelo cérebro como se fossem alofones e as regras sintáticas, como se fossem regras diferentes dentro da mesma língua. Trata-se de um fenômeno similar ao que ocorre com falantes monolíngües quando empregam de forma excludente ou o registro formal ou o registro familiar ou também quando optam pela voz ativa ou pela voz passiva, por exemplo.

O sujeito bilíngüe terá, se tal hipótese for confirmada, armazenado sessenta fonemas em vez de trinta e seis, por exemplo. Guardará maior número de morfemas, de estruturas sintáticas e de representações semânticas do que um monolíngüe. A representação das duas línguas é feita em comum, sem que existam diferenças entre elas.

2- A hipótese do *sistema independente* segundo a qual os elementos da segunda língua são armazenados separadamente no cérebro do falante. Cada nível da estrutura lingüística possui conexões diferentes para cada língua.

Os dois sistemas lingüísticos são representados de maneira separada, seja do ponto de vista anatômico, seja entrelaçados na mesma área anatômica embora independentes do ponto de vista funcional.

3- A hipótese do *sistema tripartido* segundo a qual os elementos idênticos nas duas línguas são representados por apenas um substrato nervoso subjacente a ambos, enquanto que os elementos distintos são representados separadamente. O que há em comum a ambas as línguas representa-se apenas uma vez. Aquilo que há de específico, entretanto, representa-se de forma separada.

4- A hipótese do *subsistema* segundo a qual as duas línguas podem ser representadas identicamente dentro do mesmo sistema - o da linguagem, contrapondo-se a outros sistemas cognitivos - sendo que os elementos de cada uma formam uma rede de conexões e um subsistema dentro do primeiro. Cada língua é representada de maneira independente do ponto de vista funcional. O sujeito bilíngüe é detentor, portanto, de dois subsistemas de conexões neuronais, um para cada língua e, ao mesmo tempo, possui um subsistema mais vasto, o da linguagem.

Cada uma das hipóteses apresentadas acima é defendida por meio de forte argumentação e por parte de numerosos cientistas. A primeira, a do sistema estendido, parece ser comprovada pela facilidade e freqüência com que os bilíngües podem - voluntariamente - falar um idioma utilizando os fonemas do outro, empregar regras sintáticas de um no outro, inserir palavras e sintagmas de um no outro, acrescentar desinências de um no outro, entre outras possibilidades.

A hipótese dos sistemas separados e independentes justifica-se nos casos de afasia de pessoas detentoras de mais de uma língua que, ao recuperarem a

fala, fazem-no de maneira sucessiva. Isso significa que recuperam uma das línguas somente depois de a outra ter sido totalmente restituída.

A terceira hipótese, a da repartição tripartida, é defendida por autores que conduziram experimentos com a estimulação elétrica do córtex cerebral. Afirmam eles que existem pontos que são comuns às duas línguas e outros que são próprios a cada uma delas.

Finalmente, a hipótese dos subsistemas encontra sua justificativa no fato de ser possível observar que o indivíduo bilíngüe atingido pela afasia tanto pode recuperar ambas as línguas ao mesmo tempo (recuperando, assim, o sistema da linguagem como um todo) quanto pode recuperar alternadamente uma delas, apenas um dos subsistemas presentes no seu cérebro.

Paradis (1993) esclarece que ainda não se sabe ao certo qual é o modo exato pelo qual as duas línguas do indivíduo bilíngüe organizam-se no cérebro. No entanto, inclina-se claramente pela hipótese dos subsistemas ao considerar que tal sujeito possui duas redes lingüísticas independentes porém interconectadas e igualmente ligadas ao mesmo depósito de informação conceptual e experiencial.

Afirma Paradis (1981) que pessoas bilíngües possuem apenas um conjunto de representações mentais, o qual será organizado de modo diverso conforme os pensamentos forem verbalizados em uma ou outra língua e segundo o idioma que estiverem falando ou decodificando.

Na interpretação de Grosjean (1985), as redes lingüísticas são independentes na medida em que - mediante mecanismo de inibição cujo fim é o de impedir uma interferência demasiada - facultam ao falante o uso de uma só das línguas. Por outro lado, interconectam-se na medida em que a fala monolíngüe de um bilíngüe, demonstra, freqüentemente uma ativa interferência da língua que não está sendo utilizada naquele momento.

A capacidade de trocar de código e de fazer empréstimos lingüísticos durante conversas com outros bilíngües corrobora a tese de que ambos os idiomas estão armazenados de maneira idêntica em um só sistema cognitivo. Elementos de cada língua formam redes de conexões separadas e constituem, desse modo, um subsistema inserido nesse sistema maior, o da linguagem.

Paradis (1993) explica que a hipótese da representação das línguas no cérebro citada acima, a dos subsistemas, dá conta perfeitamente das explicações a respeito das maneiras como o bilíngüe afásico pode recuperar suas línguas, bem como das explicações referentes à capacidade de misturá-las em todos os níveis da estrutura lingüística.

Os estudos realizados por Paradis sobre a forma de recuperação das línguas por parte de bilíngües afásicos - pacientes que manifestam distúrbios de linguagem como consequência de lesões cerebrais - comprovam que os indivíduos que dominam dois idiomas têm dois conjuntos de conexões neuronais, uma para cada um, sendo que tais conjuntos podem ser ativados ou inibidos independentemente. Ao mesmo tempo, os bilíngües possuem um conjunto mais amplo do qual podem, a qualquer tempo, extrair elementos de qualquer uma das línguas.

Nos casos em que ambas as línguas se perdem paralelamente, no mesmo grau, pode-se interpretar como sendo resultado de um dano ou uma interferência ao sistema lingüístico como um todo. Se, contrariamente, houver a perda diferenciada, considera-se a existência de dano ou interferência a apenas um dos dois subsistemas.

Se cada língua, sendo um subsistema, é suscetível de sofrer uma inibição patológica seletiva no momento em que o falante sofre algum tipo de acidente, é também possível que, no momento da recuperação da mesma não siga, necessariamente, um processo padronizado. Pacientes afásicos nem sempre recuperam suas duas línguas na mesma velocidade ou na mesma medida.

2.1.2 Implicações diferenciais dos dois hemisférios cerebrais

Todas as hipóteses anteriormente expostas a respeito da representação dos sistemas lingüísticos no cérebro ligam-se estreitamente às hipóteses que pretendem descrever a implicação diferencial dos dois hemisférios cerebrais no registro e no controle das línguas por parte do falante bilíngüe.

Segundo Wei (2000), a aquisição de segunda língua, principalmente pelo adulto, envolve, inicialmente, o hemisfério direito mais que a aquisição da língua materna. Conforme a proficiência na segunda língua aumenta, o envolvimento do hemisfério direito diminui e o do esquerdo aumenta. Porém, uma análise qualitativa dos dados existentes mostra que o hemisfério esquerdo domina fortemente o processamento da linguagem tanto para os monolíngues como para os bilíngües. Os bilíngües têm um armazenamento de linguagem para cada uma das duas línguas, ou seja, dois sistemas lingüísticos, e um armazenamento conceitual mais geral, ou seja, um sistema cognitivo. Há canais fortes e de interconexão direta entre os três armazenamentos separados. As interconexões entre as duas línguas formam-se a partir de associações, de sistemas de tradução e de imagens comuns ao ato de armazenamento conceitual. Além disso, falantes de diferentes níveis de proficiência ou de diferentes estágios de aquisição variam na força e direcionamento das interconexões entre os armazenamentos e, de forma separada, no processamento da linguagem; por exemplo, aqueles que são mais proficientes nas duas línguas procuram diretamente um conceito na língua alvo, enquanto os menos proficientes tendem a usar a primeira língua como mediadora.

Existem, conforme Paradis (1983), cinco hipóteses que trataram historicamente da representação das línguas no cérebro humano. Sucessivamente foi afirmado, portanto, que:

- 1- a segunda língua é representada no hemisfério direito.
- 2- a segunda língua é representada bilateralmente.

3- a segunda língua é menos lateralizada do que a primeira (ambas se representam no hemisfério esquerdo, porém a segunda em grau menor do que a primeira).

4- ambas as línguas são menos lateralizadas do que a única língua do falante monolíngüe.

5- ambas as línguas são representadas no hemisfério esquerdo, o que implica a inexistência de diferenças entre pessoas bilíngües, políglotas e monolíngües.

A última hipótese é aquela defendida pela maioria dos cientistas contemporâneos a despeito da existência do que Paradis (1993) chama de obstinação dos psicolingüistas que insistem em ver diferenças na assimetria hemisférica, entre indivíduos bilíngües e indivíduos monolíngües.

Assim, atualmente, não mais se considera que o hemisfério direito tenha participação diferenciada no que se refere à representação da linguagem no cérebro bilíngüe, isto é, no armazenamento da gramática implícita e inconsciente - competência lingüística - de uma ou das duas línguas.

Paradis (1997) afirma categoricamente que todas as atividades levadas a cabo pelo hemisfério direito nos monolíngües são também realizadas por tal hemisfério no caso das pessoas bilíngües.

Contudo, a questão do envolvimento do hemisfério direito do cérebro nas funções da linguagem dos indivíduos detentores de mais de um sistema lingüístico pode continuar sendo controvertida já que sempre existiu grande confusão entre conceitos como o de gramática, por um lado, e o do uso da língua, por outro.

Para Paradis (1997), o aspecto gramatical (fonológico, morfológico, sintático, lexical) e os aspectos pragmáticos do uso da língua (inferência de sentido a partir de conhecimentos gerais, do contexto situacional, de gestos, de prosódia etc.) não se confundem de maneira nenhuma. A linguagem, vista do ponto de vista gramatical definido acima, está representada em áreas específicas do hemisfério esquerdo do cérebro humano, enquanto que os aspectos

pragmáticos, auxiliares na compreensão e na interpretação do sentido daquilo que é dito, estão concentrados, para a maioria das pessoas, no hemisfério direito (Paradis, 1997)

Os experimentos empregados para mensurar a lateralização cerebral das funções lingüísticas do bilíngüe consistiram, quase sempre, em testes cujo estímulo eram palavras isoladas e fora de qualquer contexto.

Por meio de tais procedimentos eram obtidos, conseqüentemente, resultados que não podiam ser generalizados até a estrutura da língua. Por essa razão, os resultados sempre mostraram inúmeras contradições e apontaram para as posições mais díspares a respeito do assunto em pauta.

Para este trabalho o que fica claro para eu considerar é que bilíngües e monolíngües tem a mesma representação cerebral em se tratando de hemisfério: ambas as línguas são representadas no hemisfério esquerdo.

Outro aspecto importante para nós é que não existem sujeitos bilíngües que sejam iguais. Se não há dois locutores bilíngües que tenham sido expostos da mesma maneira aos mesmos ambientes lingüísticos e que possuam idêntica competência dentro de uma só comunidade - cada um detém seu vocabulário ativo - será difícil constituir grupos experimentais homogêneos para comparar bilíngües no que se refere a seus graus de competência e à área de utilização de suas línguas.

2. Abordagem sociolingüística

As pesquisas mais freqüentes focalizam, principalmente, o uso das línguas e as funções que elas exercem nos diversos domínios, ou seja, é a necessidade que leva o indivíduo a adquirir e a usar uma determinada língua em um determinado local, quando em contato com outro(s) indivíduo(s). Podemos concluir que, o bilíngüe usa suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes situações e com diferentes pessoas e, por isso, raramente desenvolve igual fluência em ambas as línguas. Sendo assim, o bilíngüe

apresenta diferentes modos de fala que lhe permitem deslocar-se em um *continuum situacional*, dependendo do contexto sociolingüístico no qual se encontra (Grosjean, 1982). Em um desses modos de fala, o bilíngüe usa suas duas línguas alternadamente. Essa alternância recebe o nome de *code-switching*, ou mudança de código.

2.2.1- *Code-switching* e competência comunicativa

A comunicação verbal é um processo natural no qual os falantes selecionam alternativas distintas que fazem parte de um sistema determinado por uma aprendizagem prévia. A escolha individual codificada pela estrutura profunda das relações interpessoais é transformada em fala e forma parte do que Hymes (1971) define como competência comunicativa do falante.

Meisel e Köppe (1995) sugerem que *code-switching* ou alternância lingüística, descreve uma determinada habilidade do bilíngüe a qual requer a competência pragmática (selecionar a língua de acordo com fatores externos como interlocutor, o contexto situacional ou assunto) e gramatical em ambas as línguas. Este tipo de alteração, ou mudança de código, entre duas línguas ocorre com frequência em falantes bilíngües e pode ocorrer de diferentes formas como alternâncias de sentenças completas, frases com as duas línguas sucessivamente alternadas (palavras inseridas) ou *switching* em longa narrativa.

Assim, dependendo da situação sociolingüística – dos participantes na interação (idade, sexo, status, origem étnica), da situação (em casa, na escola, em ocasiões formais ou informais), do tópico (acadêmico, profissional, afetivo) e da função da interação – os bilíngües podem ou não recorrer à mudança de código, de maneira semelhante à mudança de variedades que ocorre na fala dos monolíngües, também relacionada a esses fatores. Nesse sentido, a mudança de código é uma estratégia discursiva, cuja função é expressar, além da informação referencial, emoções, sentimentos e atitudes.

Segundo Fishman (1968) existem algumas situações na fala que podem ser reconhecidamente agrupadas de acordo com a categoria de domínios como, o domínio da igreja, o domínio do trabalho, o domínio da rua, etc. Para ele os principais domínios são: a família, a amizade, a religião, a educação e o trabalho. Assim, a noção de domínio está intimamente ligada ao comportamento lingüístico e ao contexto interacional da fala.

Blom & Gumperz (1972) identificam dois tipos básicos de mudança de código: uma metafórica e outra situacional. Segundo os autores, na mudança situacional, há uma clara relação entre o uso da língua e o contexto social, de tal forma que cada língua ou variedade de língua tem um papel e uma função específica no repertório de fala local. Ou seja, as línguas são alternadas de acordo com a situação e/ou os participantes da interação. A mudança metafórica, por outro lado, está relacionada com os efeitos comunicativos do discurso, isto é, com as intenções e com os sentidos que o falante quer dar à sua fala. De acordo com Gumperz (1982), *code-switching* não está necessariamente relacionado com a função metafórica. Frequentemente, a alteração apenas faz parte do discurso. Como uma estratégia de contextualização, pode ser comparado a parâmetros prosódicos, como a entoação, *loudness* e nível do *pitch*.

Embora a mudança de código seja também usada quando o bilíngüe não sabe, não conhece ou esqueceu uma palavra ou expressão em uma de suas línguas, não se pode afirmar que esta seja sua única função. Geralmente, nessas situações, a mudança de código serve para agilizar a comunicação. São relativamente poucos os casos que a mudança de código é motivada pela “incapacidade” do falante em encontrar a expressão adequada para aquilo que ele deseja comunicar, pois é comum o bilíngüe dizer algo em uma de suas línguas e, em seguida, repetir o conteúdo da mesma enunciação em outra, reiterando ou traduzindo o que disse (Gumperz, 1982). Para alguns autores (Romaine, 1995), a mudança de código ocorre, mais frequentemente, em relação a elementos do discurso que são conhecidos e regularmente usados pelo falante, uma vez que esses elementos, em geral, se encaixam na outra língua em pontos da

enunciação que não alteram a estrutura da sentença. Isto, naturalmente, requer competência em ambas as línguas, mesmo que em graus diversos. Sendo assim, a mudança de código pode ser considerada como uma “habilidade” do desempenho lingüístico do bilíngüe e não como uma “incapacidade”.

Weinreich (1953) observou que os indivíduos bilíngües ocasionalmente mudavam de código durante a conversação, em decorrência de um lapso ou com a finalidade de enriquecer o discurso ou expressar sentimentos. Porém, foi a partir das pesquisas sociolingüísticas que as questões referentes à mudança de código passam a ser compreendidas como um processo sócio-psicolingüístico. O estudo da mudança de código adquire, então, um caráter mais dinâmico, no qual é possível estabelecer relações entre a interação verbal, o uso da língua, os seus usuários, o contexto interacional e as variações estilísticas e gramaticais para produzir os mais diversos tipos de sentidos.

As abordagens teóricas mais recentes focalizam principalmente dois aspectos da mudança de código: estrutural e pragmático. O aspecto estrutural busca explicações para as restrições lingüísticas, as normas gramaticais que subjazem uma mudança de código em um determinado ponto da enunciação e que apresentam certa regularidade, incidindo sobre a língua em questão. O aspecto pragmático procura entender o porquê da mudança, ou seja, explicar os fatores que levam o bilíngüe a optar por outro código em um determinado momento do discurso.

Neste trabalho focarei os aspectos sócio-psicolingüísticos, observando a mudança do léxico e da entoação da fala no ato da locução, assim como os processos que levaram a isto. Os aspectos estruturais também serão examinados quanto ao número de ocorrências de natureza lexicais distintas nas alterações de código.

2.2.2. Fatores determinantes na escolha das línguas

Em se tratando de sujeitos bilíngües, vários fatores podem contribuir para a escolha de uma das línguas em detrimento da outra também partilhada pelo interlocutor no momento da comunicação. Grosjean (1982) considera que a combinação de elementos tais como os participantes, a situação, o conteúdo do discurso e a função da interação é o que determina a língua matriz nas comunicações entre bilíngües.

2.2.2.1 Participantes

A proficiência lingüística do falante e de seu interlocutor são levadas em conta no momento da opção por um ou outro código, já que as limitações lingüísticas impedem, de alguma maneira, a perfeita comunicação.

A preferência por uma ou outra língua, assim como a história da interação lingüística entre os dois participantes é fator primordial no que diz respeito à escolha dos códigos. Geralmente, há um acordo sobre qual será a língua principal de comunicação e violações a essa regra produzem sentimentos de desconforto.

A idade tanto do locutor quanto do interlocutor desempenha importante papel no momento de decidir qual língua empregar em determinada situação. Crianças bilíngües, por exemplo, utilizam uma língua para falar com os pais e outra com os colegas.

O status sócio-econômico - real ou aparente - do interlocutor determina, na maior parte das vezes, a língua a ser empregada nos casos em que os idiomas passíveis de serem escolhidos estejam relacionados hierarquicamente. A língua a ser utilizada dependerá em grande parte do grau de intimidade existente entre os participantes. Com pessoas próximas poderá ser usada uma língua e com estranhos ou meros conhecidos, outra.

A pressão externa exerce grande poder no que diz respeito à escolha do sistema lingüístico a ser empregado com certos interlocutores. Havendo necessidade de transmitir uma dada língua às crianças, por exemplo, os pais podem se sentir forçados a lhes falar apenas nessa língua.

Do mesmo modo, conforme for a atitude em relação a uma língua e ao grupo que a utiliza, o falante quererá empregá-la ou não.

2.2.2.2. Local

Para Rubin (1968), a variável mais importante no que se refere a prever qual a língua a ser empregada com um interlocutor também bilíngüe é a localização da interação, o ambiente. As mesmas pessoas passam a falar a outra língua no momento em que saem do campo e chegam à cidade, por exemplo.

A formalidade da situação contribui também para a determinação do idioma empregado. Se o interlocutor está desempenhando alguma função considerada importante no momento da interação, a língua escolhida será, provavelmente, a que detém maior prestígio social.

Importante fator na escolha da língua a ser falada com alguém que domina ambas é a presença de um monolíngüe. O desejo ou a necessidade de incluir na conversa a pessoa que não compreende um dos idiomas dos bilíngües constitui motivação fundamental para decidir qual o sistema a ser empregado.

2.2.2.3. Assunto

O conteúdo do discurso desempenha papel fundamental quando se deve optar por um idioma. Geralmente, existem assuntos que são mais bem tratados em uma língua do que na outra tanto porque o falante aprendeu a falar sobre os mesmos em uma língua definida como porque não seria considerado apropriado tratá-los na outra (Fishman, 1965 apud Grosjean, 1982)

2.2.2.4. Função da interação

A função ou objetivo da interação pode ser o de demonstrar maior status, o de criar distância social, o de excluir um monolíngüe ou o de fazer pedidos e dar ordens. Em qualquer das circunstâncias acima o falante saberá qual das duas línguas compartilhadas com o interlocutor bilíngüe deverá escolher.

O indivíduo bilíngüe raramente hesita no momento de decidir qual de suas línguas deve empregar devido ao fato de que a escolha lingüística, tal como o próprio ato da fala, é um comportamento muito bem dominado e complexo. Grosjean (1982) afirma que a complexidade de tal fenômeno apenas vem à tona no instante em que alguma regra é quebrada, já que o sujeito normalmente não tem consciência de todos os fatores psicológicos e sociolingüísticos que interagem para que sua comunicação com outros bilíngües seja levada a bom termo.

2.3. *Code-switching* ou alternância de código

Assim como o monolíngüe está dotado da habilidade de escolher variantes de sua língua ou de fazer opções estilísticas conforme a situação social, o interlocutor ou o meio através do qual irá se expressar - oral ou escrito -, também o bilíngüe detém a capacidade de fazer o mesmo quando em contato com indivíduos que falam apenas um dos seus idiomas.

Além disso, o falante bilíngüe possui também a habilidade de variar seu discurso nas ocasiões em que se encontra com sujeitos que dominam ambas as suas línguas. Grosjean (1982) explica que, enquanto o sujeito monolíngüe apenas pode alternar de uma variante para outra dentro da mesma língua - passar do registro coloquial ao formal, por exemplo - aquele que é bilíngüe tem a chance de variar os registros de uma delas, passar alternadamente de um idioma para o outro ou fazer as duas coisas.

A alternância de código advinda dessa possibilidade constitui o fenômeno do *code-switching*, o qual, segundo as palavras de Milroy & Muysken (1995), é um fenômeno muito mais visível do que a alternância estilística do falante monolíngüe.

No momento em que o bilíngüe não precisa agir como se fosse um monolíngüe, na ocasião em que deixa de se comunicar com quem apenas domina um dos seus idiomas e passa a manter contato com outro falante que detém as suas línguas, pode optar entre o emprego de uma das duas ou das duas ao mesmo tempo.

O *code-switching*, normalmente não consciente, constitui um recurso comunicativo da maior importância já que ocorre quando o bilíngüe, estando em contato com alguém que domina seus dois códigos, lança mão de elementos de uma e outra língua no mesmo ato comunicativo.

O indivíduo bilíngüe decide, no momento da interação, qual será a língua matriz a ser utilizada e, conforme o seu interlocutor seja também detentor de suas línguas ou não, se haverá ou não *code-switching*. (Grosjean, 1982)

Assim, em primeiro lugar o bilíngüe decide, geralmente de modo não consciente, qual das línguas empregará e, em segundo lugar, se utilizará ou se prescindirá do *code-switching*.

Durante muito tempo a alternância de línguas na mesma conversa foi considerada um déficit por parte do falante, o qual, na realidade não dominaria nenhuma tendo que misturá-las a fim de se comunicar. A maioria dos monolíngües costuma, ainda hoje, julgar o *code-switching* como um insulto à pureza gramatical da sua língua ou até mesmo como uma arrogância ou exibicionismo desnecessário.

É comum também que bilíngües apresentem preconceitos do mesmo tipo e que afirmem categoricamente não fazê-lo ou fazê-lo apenas por preguiça de pensar. O *code-switching* não constitui uma mistura agramatical de duas

línguas não totalmente dominadas mas uma estratégia comunicativa que é sinal de habilidade lingüística e que é utilizada por bilíngües com o objetivo de transmitir informação lingüística e social.

Myers-Scotton (1993) explica que a maioria dos falantes bilíngües diariamente usa as duas línguas na mesma conversa e que, com freqüência, as alterna dentro do mesmo turno e até da mesma frase. Tal fenômeno não é casual, o que significa que o falante passa de um idioma para o outro obedecendo a regras estritas e segundo restrições contextuais rígidas.

Os indivíduos exploram, por meio do seu *code-switching*, os valores sócio-psicológicos ligados às diferentes variantes lingüísticas presentes entre apenas dois sujeitos ou em uma comunidade de fala específica.

Não se trata, desse modo, de uma estratégia alternativa empregada por falantes que não estão capacitados para continuar a conversa no idioma com o qual esta começou. Trata-se, isso sim, de uma habilidade para negociar mudanças no que se refere a distanciamentos e aproximações sociais entre o locutor e os interlocutores bilíngües.

Sendo que o *code-switching* faz parte da competência do falante bilíngüe (Meisel, 1989), existem diversas razões para que ocorra. Grosjean (1982) elenca os motivos mais comuns, a saber :

- suprir uma necessidade de vocabulário, de marcador discursivo;
- continuar uma conversa na última língua empregada;
- citar alguém;
- especificar o interlocutor;
- qualificar a mensagem, tornando-a mais ampla ou dando-lhe ênfase;
- personalizar a mensagem, especificando o envolvimento do falante;
- marcar a identidade com o grupo, demonstrando solidariedade;
- transmitir intimidade, fúria, aborrecimento;
- excluir alguém da conversa;
- modificar o papel do falante, aumentando seu status ou outorgando-lhe maior autoridade;

Variáveis situacionais parecem afetar o tipo e a frequência do *code-switching*, tais como o tópico da conversação, os participantes e sua negociação, o ambiente, o aspecto afetivo da mensagem, entre outros.

Hamers & Blanc (1989) afirmam que as estratégias comunicativas específicas das situações de línguas em contato surgem a partir da necessidade de contínua acomodação por parte dos sujeitos ao encontro intercultural que praticam. Dentre tais estratégias encontram-se, por um lado, o *code-switching* em sentido estrito, que deixa ambos os códigos intactos. E por outro lado, fenômenos que envolvem substituição de partes da gramática ou do léxico das línguas em questão (Hamers & Blanc, 1989).

Quando se trata de *code-switching* existem duas línguas presentes no discurso, sendo que partes de uma - desde morfemas até sentenças - alternam com partes da outra.

O uso alternado de duas línguas na mesma conversa pode começar na primeira infância, embora não corresponda exatamente ao uso alternado levado a cabo por jovens ou adultos. Segundo Grosjean (1985) crianças de dois anos de idade já são capazes de alternar seus códigos, ainda que sem a mesma sofisticação pragmática dos mais velhos.

À medida que a criança amadurece e forma sua identidade de bilíngüe, desenvolve suas estratégias comunicativas nas duas línguas de maneira a atingir o nível de domínio dos adultos.

Desta maneira, pode-se afirmar que a habilidade de considerar o contexto no momento da escolha dos idiomas é próprio dos indivíduos bilíngües desde a infância.

Myers-Scotton (1993) expõe a idéia de que tanto o locutor quanto o interlocutor pressentem, em razão de suas competências comunicativas, que a escolha de uma variante lingüística em detrimento de outra expressa significado social.

As opções por um ou outro código são explicáveis, assim, pelo princípio da negociação de identidades. Tais escolhas detêm o poder de permitir a negociação de uma identidade particular do falante em relação aos demais envolvidos no intercâmbio lingüístico. Isso implica dizer que em toda comunidade os tipos de interação são mais ou menos convencionalizados e que os indivíduos possuem alguma espécie de “esquema” que lhes indica os meios através dos quais essas interações devem ser conduzidas de uma maneira não marcada.

Utilizar as noções de marcado e não marcado implica considerar a escolha dos códigos dentro de um sistema de oposições, ainda que as mesmas não devam ser necessariamente categóricas. O princípio da marcação leva em conta as várias polaridades existentes nos diferentes sistemas lingüísticos, sendo que a parte não marcada é geralmente mais simples e, de alguma maneira, mais natural.

Dessa maneira, no momento em que o falante faz a opção pela forma não marcada de interação bilíngüe, passa a confirmar a idéia que o interlocutor tem a seu respeito e a respeito das circunstâncias nas quais ocorrerá a conversação. Se, contrariamente, optar por uma forma marcada, deverá haver negociação entre os participantes da interação, já que o ouvinte terá que afastar qualquer idéia prévia a respeito do falante e das normas sociais que regem seu encontro.

Os sujeitos bilíngües possuem um repertório lingüístico heterogêneo, contudo, do ponto de vista funcional, bastante homogêneo. Cada um deles atribui funções a cada código e, de acordo com diferentes parâmetros, pratica com o parceiro uma negociação contínua que permite o emprego do *code-switching*.

Contudo, para Auer (1995) nem toda comunidade onde pessoas bilíngües interagem desenvolve padrões de escolha lingüística compartilhados por todos os seus membros. Algumas, como as que surgem atualmente na Europa devido à migração por razões de trabalho, são ainda muito incipientes e

culturalmente instáveis. Em tais circunstâncias, o que determina a língua a ser empregada e o *code-switching* seriam primordialmente as preferências individuais, as quais, por sua vez, estariam relacionadas com competência lingüística, com o histórico pessoal do bilíngüe, bem como com sua identidade multicultural.

Auer (1995) refere também que existem casos em que a situação na qual ocorre a interação não pode ser definida claramente. Nesses casos, os falantes não apenas têm a tarefa de encontrar a língua comum mas ainda devem definir a situação mediante a escolha do código a ser compartilhado. Desse modo, observa-se que o *code-switching* em vez de ser determinado pelas relações entre os falantes, passa a definir tais relações, sendo elemento fundamental na negociação interpessoal.

2.4- Tipos de *code-switching*

De acordo com a classificação de Poplack (1980), três tipos de mudança de código podem ser identificados: inter-sentenças, intra-sentenças e de marcadores discursivos (*tag-switching*).

A mudança inter-sentença ocorre entre as fronteiras de uma oração ou sentença, sendo que cada uma delas é produzida em uma língua diferente. Ela pode ocorrer, também, entre os turnos de fala dos participantes da conversação.

Ex: "Sometimes I'll start in English y *termino en español*" (bilíngüe Inglês – Espanhol gravado por Poplack, 1980) ¹⁶

¹⁶ Este exemplo foi retirado do livro "Bilinguality and Bilingualism" (Hamers & Blanc, 1989) p. 259

A mudança intra-sentença ocorre no interior de uma mesma sentença ou fragmento de sentença. Segundo Romaine (1995), este tipo de mudança requer uma certa fluência nas duas línguas, pois envolve mais riscos sintáticos e morfológicos, ou seja, o indivíduo deve em uma mesma enunciação, combinar morfemas gramaticais e lexicais de línguas diferentes.

Ex: “*kio ke six, seven hours te school de vic spend karde ne, they are speaking English all the time. (Because they spend six or seven hours a day at school they are speaking English all the time)* (bilíngüe Inglês / Panambi gravado por Romaine, 1995)¹⁷

O terceiro tipo, mudanças de marcadores discursivos (*tag-switching*), caracteriza-se pela inserção de expressões próprias de uma língua, as quais se encaixam livremente na outra não alterando a estrutura sintática da sentença.

Ex: “You Know” / “I mean”¹⁸

A figura abaixo é uma representação dos três tipos de code-switching proposta por Poplack (1980).

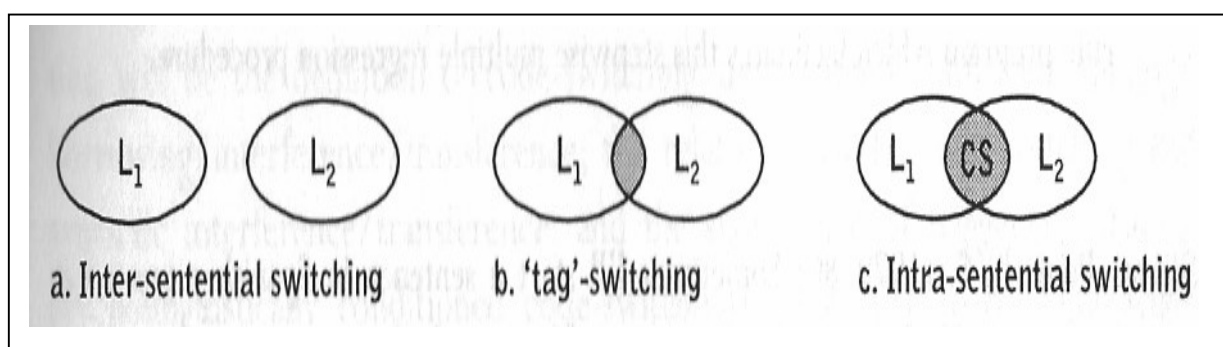


Figura 3 – Representação da gramática do *code-switching*.¹⁹

¹⁷ Este exemplo foi retirado do livro “Bilingualism and Bilingualism” (Hamers & Blanc, 1989) p. 260

¹⁸ Este exemplo foi retirado do livro “Bilingualism and Bilingualism” (Hamers & Blanc, 1989) p. 259

¹⁹ Esta figura foi retirada do livro: “The bilingualism readers” (Li Wei, 2000) p. 255

Segundo Poplack (1980), um dos tipos de *code-switching* é o que pode ocorrer entre enunciados falados por um só locutor nas ocasiões em que os mesmos estejam distantes no curso de um diálogo. Este caso tende a ser considerado mais como uma mudança de código do que como uma alternância.

Tal fenômeno é condicionado freqüentemente pelo enunciado que o precede e permite que o falante troque um tipo de interação por outra. Romaine (1995) denominou de adesão homodialetal a convergência na escolha da língua entre dois bilíngües. Se a escolha é determinada pelo enunciado imediatamente anterior, a adesão homodialetal relaciona-se com o discurso. Por outro lado, a adesão liga-se ao participante no caso de a escolha ocorrer de acordo com quem for o interlocutor.

Outra classificação proposta por Romaine (1995) leva em conta o fato de o *code-switching* modificar um segmento de um enunciado ou fazê-lo em apenas um item. No primeiro caso, trata-se do *code-switching segmental*, o qual pode envolver uma frase com várias funções no enunciado ou inclusive uma cláusula inteira. No segundo caso, denominado *code-switching unitário*, existe somente um elemento afetado. O elemento inserido - item lexical, modificador, advérbio, conector discursivo -, tanto pode ser tratado sintaticamente como pertencente à língua 1, quanto pode se inserir no enunciado da língua 1 sem desempenhar nenhuma função, salvo a fática ou exclamatória.

Segundo Hamers & Blanc (1989), a alternância de uma língua para a outra não parece violar as regras gramaticais de nenhum dos dois sistemas. Tais autores citam Poplack (1980) para explicar dois tipos de restrições lingüísticas atuantes no *code-switching*, a saber :

- a do *morfema livre*, segundo a qual uma alternância não pode ocorrer entre um morfema preso e uma forma lexical a menos que esta seja integrada fonologicamente à língua à qual pertence tal morfema.

Ex.: “uma buena excuse” (a good excuse)²⁰

“Eat – iendo “(eating)

- a da *equivalência*, segundo a qual a ordem dos constituintes da sentença em posição imediatamente adjacente e a ambos os lados da alternância deve ser gramatical para as duas línguas simultaneamente.

Ex: ²¹

A.	Eng	I	told him	that	so that	he	would bring it	fast.
B.	Sp	(Yo)	le dije	eso	pa' que	(él)	la trajera	ligero.
C.	Cs	I	told him	that	PA' QUE	LA TRAJERA	LIGERO.	

(04/73)

Figura 4 – Representação dos pontos de equivalência.

Por tais razões, Poplack (1980) afirma que em línguas tipologicamente diferentes o *code-switching* pode ser mais problemático em virtude da incongruência da ordem das palavras na frase e da conseqüente violação aos padrões de uma ou de ambas.

Segundo Poplack (1980), o desempenho lingüístico do bilíngüe, devendo obedecer a tais princípios, deve ser baseado no acesso simultâneo às regras gramaticais de ambos os idiomas envolvidos no *code-switching*.

Existiria, desse modo, além de duas gramáticas monolíngües, uma gramática da alternância de códigos acessada pelo falante e que estaria composta pela

²⁰ Este exemplo foi retirado do livro “The bilingualism readers” (Li Wei, 2000) p. 227

²¹ Este exemplo foi retirado do livro “The bilingualism readers” (Li Wei, 2000) p. 228

combinação dos dois vocabulários e das duas categorias gramaticais, ainda que limitados pelas restrições acima expostas.

Embora, como se observa, a hipótese da gramática específica para o *code-switching* tenha sido contestada, é consenso geral o fato de que o *code-switching* é claramente governado por regras bastante rígidas.

Para este trabalho iremos admitir estas regras gramaticais mas não iremos considerá-las para a análise dos dados apresentados. Para nós, a definição mais abrangente de *code-switching* será mantida para qualquer mistura de código lingüístico, inclusive para o que alguns autores consideram como *code-mixing*, o qual será a seguir detalhado.

2.5- *Code-mixing* ou mistura de códigos

Podendo ser englobado dentro da descrição do fenômeno do *code-switching* tomado em seu sentido amplo, encontra-se um outro fenômeno, o do *code-mixing* ou mistura de códigos.

No caso em questão, há uma transferência por parte do falante de elementos ou regras de uma língua para a outra. Tais elementos podem pertencer a todos os níveis lingüísticos - desde itens lexicais até sentenças completas. Necessariamente, uma das línguas constitui a base da comunicação, o qual permite que sejam observadas partes dessa língua em convivência com partes da outra. Entretanto, a segunda encontra-se subordinada à primeira na medida em que se adapta às suas regras (Hamers & Blanc, 1989).

Tal como o *code-switching*, o fenômeno do *code-mixing* constitui uma estratégia comunicativa privativa do falante bilíngüe quando em interação com outro bilíngüe ou monolíngüe.

Diferencia-se do fenômeno de empréstimo lingüístico na medida em que, para que este esteja presente, seu emprego deve ser limitado apenas a unidades

lexicais e também porque monolíngües podem praticá-lo em situações variadas.

A mistura de códigos, então, tanto pode indicar um déficit de competência na língua de base, no caso de ignorar-se vocabulário, por exemplo, quanto pode apenas remeter ao uso de um código específico que permite ao falante expressar atitudes, intenções, desempenhar papéis ou identificar-se com um grupo particular (Hamers & Blanc, 1989)

Considera-se que, durante as interações levadas a termo entre sujeitos que dominam – em maior ou menor grau - o mesmo par de línguas e nas quais está presente o fenômeno do *code-switching*, existe sempre mais do que uma mera alternância de códigos lingüísticos.

Gumperz (1982) afirma que tal alternância está a serviço de fins claramente comunicativos, que os bilíngües não trocam de um sistema para o outro de maneira radical mas que, pelo contrário, na maioria das vezes, se apóiam, ainda que não conscientemente, na coexistência de formas lingüísticas alternadas com o objetivo de criar significados específicos.

2.6- *Code-switching* e interferência

Paralelamente a toda controvérsia sobre o modo como os bilíngües processam a linguagem, como a armazenam na memória, se possuem um ou dois sistemas lexicais e de que maneira são ativados ou desativados, os investigadores postularam a existência de uma comutação de línguas que permite ao bilíngüe utilizar ora uma ora outra, conforme estão num modo de fala monolíngüe ou num modo de fala bilíngüe. Assim, vários trabalhos de investigação em áreas como a lingüística, a psicolingüística, a sociolingüística e a neuropsicologia, vão contribuir para o aprofundamento do estudo no âmbito da alternância de códigos e para a explicação dos processos subjacentes à utilização de mistura de línguas.

O bilingüismo é um campo muito recente de investigação e trabalhos de pesquisa produzidos quer sobre características dos sistemas lingüísticos, quer sobre a percepção, compreensão e produção das línguas, apresentam interpretações diferenciadas de fenômenos que aparentemente parecem idênticos. A esse respeito, Grosjean (1995), manifesta-se apresentando, como exemplo, o emprego da palavra inglesa *baving* (do francês *baver* – *to dribble*) , que poderá ser explicada como resultado da intrusão da língua desativada (o francês) na língua falada (o inglês), e considerada como uma interferência ou, então, o acesso normal de uma palavra no léxico menos ativado e a sua integração na língua de base (como se tratasse de um empréstimo).

Segundo Mackey (1970), interferência é o uso de traços pertencentes a uma língua enquanto falando ou escrevendo uma outra, podendo ocorrer nos níveis fonológico, gramatical e cultural. Grosjean (1982), estudando as características da fala de bilíngües, define interferência como a influência involuntária de uma língua na outra, de modo a distingui-la de outras características freqüentemente presentes na fala de bilíngües, como empréstimo e *code-switching* , que são menos involuntários. Esses dois últimos são traços do bilíngüe quando se endereçando a um outro bilíngüe, enquanto interferência é um traço proeminente na fala de bilíngües quando se endereçando a monolíngües.

Embora o tema do bilingüismo não tenha sido absolutamente esgotado neste referencial teórico, pode-se considerar que os principais tópicos que vêm sendo estudados pelos cientistas da língua estejam aqui contemplados.

Faz-se necessário esclarecer que neste trabalho não serão consideradas as diferenciações teóricas entre *code-switching*, *code-mixing*, empréstimos ou interferência, o qual implicará a globalização de todo fenômeno de alternância lingüística sob a denominação geral de *code-switching*.

2.7. - *Code-switching* e empréstimos

Apesar de existir uma enorme contradição em relação a termos e definições relacionados a *code-switching* e empréstimo, neste trabalho iremos considerá-los como dois aspectos do mesmo fenômeno em questão, no caso da mudança de código lingüístico.

A mudança de código caracteriza-se por uma mudança completa para a outra língua e pode ser de qualquer tamanho (palavra, frase, sentença), enquanto empréstimo é uma palavra ou expressão fonológica e morfologicamente adaptada à língua que está sendo falada (Grosjean, 1982).

Gumperz (1982) propõe que o empréstimo “é a introdução de palavras únicas ou de pequenas expressões idiomáticas cristalizadas de uma variedade (isto é , língua) na outra.”

Para este trabalho levaremos em conta as definições de Grosjean (1982) e Gumperz (1982) apresentadas acima considerando ainda que o CS seja um fenômeno próprio do bilíngüe, e que pressupõe uma certa fluência, porém o empréstimo é encontrado tanto na fala do bilíngüe como do monolíngüe.

O bilíngüe pode fazer ajustes de acordo com suas necessidades. O empréstimo, ou uso de palavra ou expressão adaptada fonológica ou morfologicamente de uma outra língua, é uma prática constante que se faz significativa.

3-Prosódia e Fonética Acústica

O conhecimento sobre a produção da fala não se resume ao conhecimento da articulação dos sons, apesar de este, por si só, ser bastante complexo. A fala é composta por uma organização de sons sob uma melodia (entoação ou curva entoacional – variação entre tons graves e agudos) e um ritmo

(alternância entre acentos fracos e fortes), que podem ser modificados pela taxa de elocução (fala rápida ou fala lenta) adotada pelo falante, a qual, por sua vez, condiciona o grau de sobreposição entre os sons (coarticulação), fazendo com que eles se alterem. Tal alteração provoca, então, ajustes melódicos e rítmicos. Isso demonstra que não é possível lidar com a produção de sons isolados sem considerar sua interação com a entoação, o ritmo, a taxa de elocução, entre outros. A isso se dá o nome de fala “corrente ou encadeada”. (Chun, 2002)

A fala engloba em sua complexibilidade uma série de mecanismos neurolingüísticos (programação e processamento da fala), aerodinâmicos (movimentação da corrente de ar para a produção dos sons da fala), fonatório (movimentação das pregas vocais), articulatorio (movimentação dos articuladores), acústico (formação de fontes e filtros no aparelho fonador e radiação no ar) e auditivo (recepção e decodificação dos sons pelo aparelho auditivo).

A fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana.

A fonética acústica é uma subárea da fonética que compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte, possibilitando o estabelecimento das relações entre produção e percepção. Podemos assim, entender os modos de articulação, relacionando postura dos articuladores e o resultado acústico.

Um estudo acústico da prosódia requer a análise de três parâmetros fundamentais: (1) a frequência fundamental (F0), (2) a duração e (3) a intensidade (Moraes, 1982). A frequência fundamental é o traço mais relevante para a determinação do padrão entoacional de um enunciado; trata-se de um parâmetro acústico correspondente ao *pitch* em nível auditivo e à vibração das cordas vocais em nível fonatório, percebido, pelos interlocutores, como altura de voz, isto é, variações melódicas, na

dimensão grave / agudo. A duração corresponde ao tempo de articulação, ou seja, a duração da produção é percebida na dimensão longo/breve e a intensidade correspondente à energia vocal utilizada pelo falante que pode ser entendida perceptivamente como forte / fraca.

A entoação, uma das características prosódicas de maior interesse lingüístico, manifesta-se por variações na freqüência fundamental, intensidade e duração, sendo a freqüência fundamental o principal correlato físico da melodia.

Rossi (1981) afirma ser a entoação constituída de unidades discretas de extensão variável. Por ser um signo lingüístico, associa forma e conteúdo tanto no nível lingüístico (gramatical) quanto extralingüístico (expressivo). Além disso, fornece tanto informações de natureza sintática quanto aquelas pertinentes à ordenação das unidades informacionais do enunciado. Seu domínio é a frase.

A entoação é simultaneamente um traço universal e específico das línguas. Revela-se universal por manifestar em diferentes línguas comportamentos entoacionais similares. Assim, análises prosódicas interlingüísticas mostram, por exemplo, que a presença x a ausência da queda do valor da freqüência fundamental (F0) ao longo do enunciado – *declination tendency* – diferencia as sentenças declarativas das interrogativas totais. Vaissière (1983) aponta ainda como traços prosódicos universais: (a) elevação de F0 nas primeiras sílabas da sentença; (b) repetição de padrões melódicos – ascendente ou descendente – no decorrer da sentença; (c) tendência de o valor máximo da F0 localizar-se na primeira palavra da sentença; (d) aumento da duração da última sílaba do grupo prosódico, bem como do primeiro fonema da sentença.

Por outro lado, trata-se, em certa medida, de uma característica específica, uma vez que a manifestação de uma curva ascendente ou descendente obedece a critérios que variam segundo a língua. Além disso, o grau de relevância de fatores como limite de palavra, estrutura morfológica e fonológica da palavra e fenômenos de junção na determinação do contorno

melódico varia entre as línguas. Para Vaissière , é possível que a inter-relação dos parâmetros F0, duração e intensidade seja responsável pela individualização das línguas.

3.1- Contorno entoacional do Inglês

Na cadeia da fala, a proeminência das sílabas varia como resultado das interações de quatro elementos responsáveis por dar à determinada língua suas características peculiares, acima do detalhe segmental da referida língua. São eles: *pitch*, *loudness* (intensidade), duração e qualidade articulatória.

Laver (1994) com a finalidade de melhor caracterizar a entoação das diferentes línguas, além de definir seu papel na organização prosódica da fala, propõe considerar a contribuição dos padrões de organização prosódica de *pitch* e *loudness* (intensidade) para a “textura” suprasegmental da fala a partir das variações de melodia e sonoridade encontradas em enunciados individuais.

Na análise do *pitch* podem ser verificados: o contorno, o padrão e a altura. Altura refere-se à colocação relativa da sílaba dentro dos valores de *pitch-span*. Os diferentes níveis podem ser categorizados como ‘*high*’ (alto), ‘*mid*’ (médio), ‘*low*’ (baixo), ‘*mid-high*’ (médio-alto) e ‘*mid-low*’ (médio-baixo).

O contorno refere-se à forma e direção da trajetória mostrada por qualquer mudança perceptível do valor de *pitch* através da duração da sílaba. Contornos diferentes podem ser referidos como ‘*rise*’ (ascendente), ‘*fall*’ (descendente), ‘*rise-fall*’ (ascendente-descendente), ‘*fall-rise*’ (descendente-ascendente), ‘*rise-fall-rise*’ (ascendente-descendente-ascendente), etc.

Laver (1994) destaca duas abordagens de análise de padrões entoacionais representados por um contorno idealizado:

- 1- *Tune-based approach*. Armstrong and Ward (1931) (apud Laver (1994)) afirmaram que, por questões práticas, a entoação do inglês poderia ser reduzida a dois contornos (*tunes*): um com movimento de *pitch* com final descendente e outro com final ascendente. Conforme Laver (1994), tal abordagem é de cunho pedagógico e limita a localização de comportamento do *pitch* à parte final de cada contorno, estabelecendo um contraste entre duas tendências terminais de contorno: descendente versus ascendente.
- 2- *Tone-based analysis of intonation*. Neste modelo, o padrão de *pitch* associado com cada sílaba é analisado separadamente. O nível de *pitch* é demonstrado por pontos. Os pontos maiores representam as sílabas acentuadas, e o movimento do *pitch* é indicado por uma linha que muda de altura. Os efeitos de declinação são desconsiderados.

Para este trabalho, considero o seguinte padrão entoacional do inglês: ascendente ou *final rising pitch* com tom de fronteira alto correspondente a sentenças interrogativas (sim/não) ou *yes/no questions*, o qual demonstra incerteza por parte do locutor em relação ao contexto. O contorno ascendente das *yes/no questions* contrastando com o descendente das declarativas pode ser constatado na figura retirada de Chun (2002, Cd-rom – fig. 29).

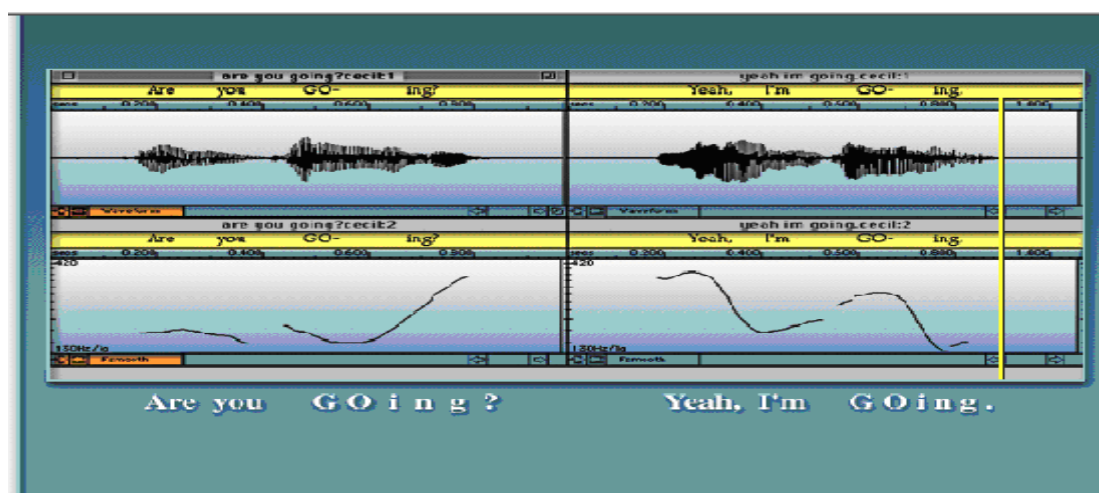


Figura 5 – Contorno entoacional de uma Yes-no question e a sua respectiva resposta.²²

²² Discourse Intonation- Doroty Chun (Descrita nas referências bilbliográficas)

3.2- Contorno Entoacional do Português Brasileiro

O trabalho de Madureira (1994) nos revela o padrão de *pitch* do Português Brasileiro (PB) em quatro modalidades sintáticas: a declarativa, a imperativa, a interrogativa total (conhecida como pergunta sim/não) e interrogativa parcial (aquela que contém a palavra interrogativa).

Madureira²³ (1994) e Moraes (1998) apresentam a descrição do padrão entoacional do Português Brasileiro (PB): frases interrogativas totais (Yes / no question) começam com um contorno ascendente e finalizam com um contorno descendente.

4- Variações do Inglês: Inglês Nigeriano

No mundo atual que vivemos podemos considerar variações lingüísticas de um mesmo idioma. Evidências de um fenômeno global caracterizam os diversos esteriótipos criados em torno da língua inglesa. Um deles é o Inglês Nigeriano, citado aqui neste trabalho por se tratar de um estudo de caso de um sujeito Nigeriano.

4.1. Yoruba

O inglês é a língua oficial da Nigéria, colônia britânica, independente desde 1960. Porém, além desta, há mais três línguas presentes no país: Yoruba, Ibo e Hausa.

Yoruba é um dos membros da família das línguas Congo-Nigerianas. É falada por cerca de 22 milhões de pessoas no sudoeste da Nigéria, Benin, Togo, Reino Unido e nos Estados Unidos.

²³ Ver Madureira (1994)

O sujeito²⁴ de pesquisa nasceu e morou na cidade de Lagos, na Nigéria, lugar onde se fala Yoruba informalmente nas ruas, o qual teve contato desde sua infância.

4.2-O alfabeto Yoruba (Álífáb'ẹ̀tì Yorùbá)

O alfabeto Yoruba possui 25 (vinte e cinco) letras, sendo que 7 (sete) vogais, conforme o quadro descrito abaixo.

Quadro 4 – Alfabeto Yoruba (Silva, 1958)

Aa	Bb	Dd	Ee	Ẹẹ	Ff	Gg	GBgb	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll
ah	bi	di	hay	hen	fi	gi	ghil	in	hel	ji	ki	li
[a]	[b]	[d]	[e]	[ɛ]	[f]	[g]	[b]	[h]	[i]	[ʒ]	[k]	[l]
Mm	Nn	Oo	Ọọ	Pp	Rr	Ss	Ṣṣ	Tt	Uu	Ww	Yy	
mi	ni	oh	orl	pi	ri	si	shi	ti	uhl	wi	yi	
[m]	[n]	[o]	[ɔ]	[p]	[r]	[s]	[ʃ]	[t]	[u]	[w]	[j]	

²⁴ Usaremos o SJ para nos referirmos ao sujeito de pesquisa.

Considerarei algumas diferenças em relação ao português:

- As letras C, Ç, V, Q, X e Z, não fazem parte do alfabeto Yoruba.
- "g" tem sempre um som áspero, como em: gol.
- "j" é sempre suave, como em: dia (como se pronunciasse djia).
- "h" sempre tem o som distinto como um som aspirado, mas nunca surdo.
- ""p" e "gb" possuem sons que não existem na língua portuguesa.
- O "s" com um ponto sob o mesmo é pronunciado como se fosse o "ch" ou o "x" .

O dialeto Yoruba consiste em mais de quinze variedades que podem ser classificadas de acordo com três grandes áreas geográficas: Nordeste, central e sudeste. Iremos neste trabalho focar mais o Yoruba do nordeste (North-west Yoruba - NWY) no qual está inserida a região de Lagos, cidade natal do nosso sujeito da pesquisa.

No dialeto Yoruba há acentos que definem como a sílaba é pronunciada. Na forma escrita consiste nos símbolos abaixo descritos. Os símbolos acentuais são usados no topo da letra, geralmente em uma vogal.

Quadro 5- descritivo com os acentos do Yoruba.

Símbolo para indicar cada tipo de acento	Padrão acentual
˘	Tom descendente
(nada)	Tom nivelado
˙	Tom ascendente
˜	Circumflexo: sílaba longa

Yoruba é uma língua tonal, ou seja, o tom tem papel descritivo, distinguindo palavras. Na escrita são utilizados símbolos para indicar o tipo padrão acentual.

Quadro 6 – descritivo da língua tonal

palavra	significado
ìgbà	Tempo, período
ìgbá	duzentos
ìgbá	²⁵ Calabash cortado ao meio
ìgbá	árvore
ìgbà	Sistema de penhoramento

²⁵ Tipo de fruta

II- METODOLOGIA DE PESQUISA

“ Você não pode ensinar nada a um homem. Você pode apenas ajudá-lo a encontrar a resposta dentro dele mesmo.”

(Galileu Galilei).

1.1. Escolha da metodologia da pesquisa

Como pretendo investigar particularidades na fala de um indivíduo, optei por realizar um estudo de caso de um bilíngüe que iniciou o processo de aquisição de uma segunda língua em fase adulta, por isso considerado como um bilíngüe tardio. A pesquisa que aqui desenvolverei caracteriza-se por um cunho qualitativo.

Nunan (1992) afirma que os estudos de caso são, em sua maioria, qualitativos, apesar de às vezes envolverem quantificação de algumas informações relevantes.

De acordo com Yin (2005), a pesquisa qualitativa apresenta características peculiares. O próprio termo pesquisa qualitativa merece ser entendido para o desenvolvimento de uma investigação coerente e bem delineada. Algumas das principais características seriam a complexidade e a interconexão de seus termos, conceitos e pressupostos, que se revelam na multiplicidade de suas metodologias, no uso de vários instrumentos, estratégias, materiais, documentos e possível atuação do pesquisador no contexto. Esta multiplicidade de metodologias é atribuída à tentativa de assegurar uma compreensão mais profunda do fenômeno em questão, mesmo tendo em mente que a realidade objetiva nunca é totalmente detectada.

Segundo Nunan (1992) o estudo de caso tem sido uma opção metodológica amplamente utilizada por pesquisadores de diferentes áreas, com certo predomínio na aquisição de segunda língua, uma vez que, nesse campo, tem-se mostrado eficaz no tratamento dos mais diversos tipos de questões. A opção por se realizar esta pesquisa por meio de um estudo de caso deu-se pela riqueza de informações proporcionadas por esse tipo de estudo. De acordo com Stake (1985), um caso caracteriza-se por sua especificidade, fronteiras, comportamento padronizado, consistência e seqüenciamento. O autor ressalta que estudar um caso gera um aprendizado sobre o fenômeno que nos leva a uma melhor compreensão e assegura nossa aprendizagem,

desde a identificação e escolha do caso até o entendimento sobre exatamente qual é o nosso interesse nesse determinado fenômeno. Para ele, a pertinência de se desenvolver um estudo de caso está no fato de um pesquisador, levado por diferentes interesses, poder refinar uma teoria, sugerir temas complexos para futuras pesquisas, como também, proporcionar reflexão sobre experiências humanas e, assim, fornecer várias e diferentes contribuições para a ciência (Stake, 1985).

É importante lembrar que um estudo de caso não deve ser considerado restrito pelo fato de apresentar dados de um indivíduo ou de um grupo específico. Ao contrário, este tipo de estudo pode ser complexo, embora particular. Stake (1985) caracteriza esse tipo de enfoque como o estudo da particularidade e complexidade de um único caso.

Um outro aspecto favorável à opção por esta abordagem é que a especificidade do caso estudado pode permitir uma investigação mais acurada do objeto de pesquisa, uma vez que trabalha com número limitado de sujeitos.

Segundo Stake (1985) se o pesquisador quer entender um caso particular levando em conta seu contexto e sua complexidade, então a metodologia do estudo de caso se faz ideal.

Neste trabalho, um estudo de caso pretende redundar na obtenção de um maior entendimento das estratégias realizadas pelo sujeito bilíngüe no momento da mudança do código lingüístico, assim como entender as produções por ele realizadas.

O processo teve como ponto de partida a investigação e análise de aparatos teóricos que permearão a pesquisa e, juntamente com os dados coletados sustentarão a análise proposta.

1.2. Sujeito da pesquisa

O sujeito da pesquisa é de origem Nigeriana, da cidade de Lagos, localizada no continente Africano. Além do inglês (língua materna, do ambiente familiar e idioma oficial do país) esteve em contato desde a infância com um dialeto africano chamado Yoruba, usado esporadicamente em algumas situações do cotidiano, em ambiente informal. Atualmente, reside em São Paulo com sua esposa brasileira e possui um filho de 11 anos que continua morando na Nigéria com a avó. Teve o primeiro contato com língua portuguesa há quase 6 anos quando chegou ao Brasil. Com 39 anos de idade e graduado pelo curso de Letras (realizado em sua cidade Natal e concluído em Londres), leciona língua inglesa para empresas e alunos particulares. Neste contexto, utiliza diariamente as duas línguas (português/inglês) com fluência.

Pude classificá-lo assim como um bilíngüe tardio (Inglês/ Português), de aquisição consecutiva e um bilíngüe de infância (Inglês/Yoruba) de aquisição simultânea.

O sujeito de pesquisa consentiu²⁶ que os dados fossem incorporados ao Banco de Dados do Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição da PUCSP (LIAAC), exclusivamente para fins científico-acadêmicos.

1.3. Instrumentos de análise e procedimentos de coleta de dados

Utilizei cinco instrumentos distintos para coleta dos dados: questionário individual, entrevista coletiva, entrevista individual, teste de percepção visual e entrevista reflexiva.

²⁶ Para maiores informações sobre termo de consentimento ver anexo 1

Primeiramente o sujeito respondeu a um questionário individual escrito, com perguntas pontuais a respeito de sua origem, costumes e família. Obtivemos, por meio de suas respostas ao questionário, informações sobre a língua utilizada no ambiente familiar e no convívio social na Nigéria e sobre o processo de aquisição da língua portuguesa.

O segundo instrumento da análise foi uma entrevista coletiva. A convite de uma instituição de ensino brasileira com contexto bilíngüe (inglês/português), o sujeito percorreu sobre contrastes culturais entre Nigéria e Brasil, países de origem e atual residência do mesmo, a um grupo de alunos com idade entre 11 e 15 anos. Após a exposição, o grupo ouvinte realizou perguntas abertas ao sujeito. A língua falada, inglês ou português, foi de livre escolha dos participantes envolvidos durante o ato comunicativo. Esta sessão foi gravada (áudio e vídeo). Estive presente durante todas as gravações e realizei anotações sobre o contexto de fala que subsidiaram a análise dos dados. Assisti ao vídeo por diversas vezes, e fiz algumas considerações relevantes descritas no capítulo da análise dos dados deste trabalho.

O terceiro instrumento foi uma entrevista individualizada com o sujeito da pesquisa na qual trabalhamos com perguntas fechadas utilizando a língua portuguesa e a língua inglesa. Neste momento foi realizada uma narração espontânea, na qual o sujeito da pesquisa versou sobre alguns aspectos de ordem pessoal e sobre alguns costumes de sua cidade de origem, comparando com o Brasil. Neste momento também foram realizadas algumas questões. Elaboramos uma série de perguntas relacionadas a aspectos pessoais e culturais para o sujeito de pesquisa. A pesquisadora alternou os idiomas realizando as perguntas nos dois idiomas, ora em inglês e ora em português. Neste momento, o sujeito preferiu versar em inglês em grande parte das questões realizadas porém, pudemos notar a ocorrência de 7 (sete) trechos com mudança do código linguístico. Em uma das perguntas nos certificamos que o sujeito se considera um falante bilíngüe (português/inglês) e que ele acha vantajosa esta condição.

O quarto instrumento foi um teste de percepção visual, que consistiu em uma apresentação de figuras-estímulo relacionadas a fatos do cotidiano, aspectos culturais, paisagens as quais estimularam a expressão verbal. Pedimos, assim, para que o sujeito descrevesse rapidamente por meio de palavra(s) ou expressões, o significado das cenas observadas. Nosso objetivo foi deixar o sujeito falar no idioma de sua escolha. O teste foi gravado e observamos que durante este momento o sujeito verbalizou o tempo todo em inglês, demonstrando a preferência pela língua materna.

O quinto e último instrumento foi uma entrevista reflexiva ou auto-confrontação com o sujeito da pesquisa e os dados analisados para validar as hipóteses apresentadas relacionadas a fatores que influenciaram a mudança do código lingüístico durante a interação. Nesse momento o sujeito de pesquisa ouviu os dados de áudio selecionados e, tomou conhecimento das interpretações aventadas pela pesquisadora sobre os possíveis fatores de interferência. O sujeito de pesquisa mostrou-se surpreso pois, em grande parte das suas mudanças de código lingüístico, ele não se deu conta dos momentos que ocorreram o *code-switching*.

III- ANÁLISE DOS DADOS

“Human language appears to be a unique phenomenon, without significant analogue in the animal world. “
(Noam Chomsky)

Após a coleta de dados, transcrevi os trechos gravados em vídeo e/ou áudio nos quais ocorreram mudanças de código e iniciou a análise. Nas gravações foram detectados vários trechos com *code-switching* em evidência.

Foram transcritos ao todo 29 (vinte e nove) trechos com ocorrência de *code-switching* sendo: 4 (quatro) trechos retirados da narração individual, 6 (seis) trechos da entrevista individual e 19 (dezenove) trechos da entrevista coletiva.

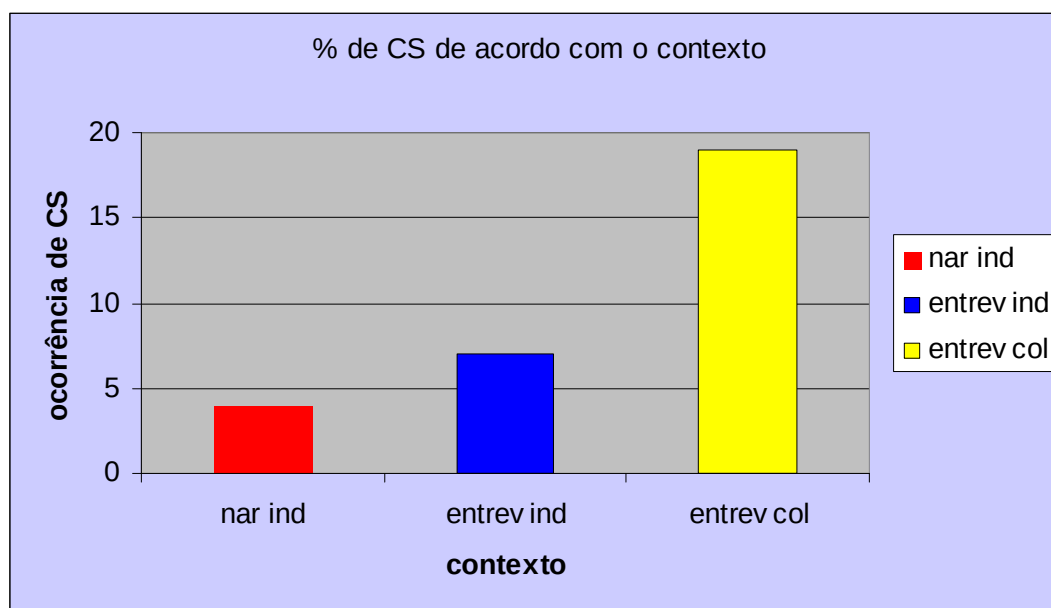


Gráfico 1 – Porcentagem de *code-switching* de acordo com o contexto.

Utilizei a fonética acústica como um dos instrumentos de inspeção dos dados por me proporcionar: a visualização dos contornos entoacionais e medição de valores de duração e f0, facilitando assim, o entendimento de como a prosódia interage com a produção dos segmentos e a relação produção / percepção. Com a fonética acústica pude evidenciar o que apenas perceptivamente não seria possível, pelo simples fato de podermos visualizar, na forma da onda, a concretude da produção assim como evidenciar os processos de articulação e coarticulação.

Após a gravação realizada em áudio e vídeo, transformei os arquivos no formato *WAVE*²⁷ para a utilização do *software* PRAAT²⁸, o qual me proporcionou, a edição de trechos, frases, e palavras aqui exemplificados e a medição e extração dos valores relacionados duração e F0. Ressalto que as gravações foram feitas fora de uma ambiente acusticamente tratado, por isso trabalhei com um material sujeito a interferências de sons e ruídos. Lembro também que a fala do SJ é uma fala espontânea, e que o mesmo só se conscientizou do fato de se tratar de uma pesquisa sobre CS no momento da entrevista reflexiva, quando a pesquisadora expôs a sua análise e o seu objeto de pesquisa. Isso é considerado de suma importância para que não houvesse a interferência no discurso do SJ, durante a interação e os dados pudessem ser considerados fidedignos.

Para fins de análise, os dados serão agrupados por tipo de instrumentos: (1) questionário escrito individual ; (2) gravações em áudio.

1- Questionário escrito individual

Pelo questionário individual²⁹ pudemos constatar que o sujeito de origem Nigeriana tem uma terceira língua: o Yoruba.

Por meio do questionário, na questão sobre conhecimento lingüístico, pudemos constatar que o Yoruba é a segunda língua do nosso sujeito de pesquisa³⁰ e por isso julgamos necessário o levantamento das informações sobre a mesma como já foi citado anteriormente no capítulo de fundamentação teórica.

²⁷ WAVE (ou WAV), forma curta de *WAVEform audio format*, é um formato de arquivo de áudio padrão da Microsoft e IBM para armazenamento de áudio em PCs. (Wikipédia, site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/WAV>)

²⁸ Software utilizado como instrumento para análise acústica criado por Paul Boersma and David Weenink Institute of Phonetic Sciences University of Amsterdam, disponível no site <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

²⁹ Ver anexo 2

³⁰ Usaremos também o acróstico SJ para nos referirmos ao sujeito de pesquisa.

O SJ teve contato com o Yoruba desde a infância informalmente. Segundo ele, o Yoruba só é usado nas ruas e em conversas informais, sendo proibido o seu uso nas escolas ou estabelecimentos comerciais e judiciários. O cidadão que desrespeita esta lei, é preso e punido por desacato. Ainda nos relatou que por este motivo, os pais em casa optaram desde sua infância, interagir em inglês, com ele e com os outros quatro irmãos, considerando assim o inglês como sua língua materna, classificando como nível excelente em todos os níveis: escrita, leitura, fala e compreensão.

O sujeito de pesquisa relatou que consegue entender e se comunicar com o idioma Yoruba, classificando como boa sua capacidade de escrever, falar, ouvir e compreender. Sua maior dificuldade está na leitura a qual julga ser a habilidade mais difícil, classificando como regular de acordo com o questionário individual. Ele nos relatou que embora seja sua segunda língua, acha que se identifica e consegue se comunicar melhor em português do que com o Yoruba.

O português aparece então como sua terceira língua, atribuindo uma dificuldade maior para a escrita (nível regular) e para as demais habilidades (leitura, fala e compreensão oral), atribui um nível bom de conhecimento. Nos revela ainda, no seu relato final sobre aquisição das línguas que quando chegou aqui no Brasil não falava nem uma palavra em português. Adquiriu fluência rapidamente convivendo com amigos, alunos e a esposa brasileira (que não fala inglês), com a qual convive há 6 (seis) anos, o que facilitou sua aquisição rápida e fluência na língua portuguesa. Considera, entretanto, que a conjugação verbal é complexa na língua portuguesa.

Foram respondidas também algumas informações relacionadas à sua formação. O SJ é formado em Letras, e morou quatro anos na Inglaterra durante a sua graduação. Diz perceber a influência do inglês britânico no seu inglês. Por ser professor e pela sua formação, o SJ é uma pessoa que

se preocupa com seu desempenho lingüístico e considera-se enaltecido por ser um falante bilíngüe.

Com base nos dados coletados, posso então considerar que o SJ é um bilíngüe tardio, que tem como primeira língua (ou língua materna) o inglês, adaptando-se ao novo idioma por questões de necessidade de sobrevivência, uma vez que chegou ao Brasil sem falar o português e precisava se comunicar para trabalhar e participar do grupo social inserido passando assim, por um processo de imersão total, realizando uma aquisição sucessiva da língua portuguesa, o qual resultou um processo rápido de identificação com o novo idioma e a conquista da proficiência do mesmo.

1.1- Classificação do sujeito de pesquisa

Classificação do sujeito de pesquisa deste trabalho segundo o quadro anteriormente proposto por nós.³¹

Critérios	Sujeito da Pesquisa
1- Idade de Aquisição	Bilíngüe Tardio (Inglês / Português)
2- Modo de Aquisição	Bilíngüe Consecutivo (Inglês / Português)
3- Competência Lingüística	Bilíngüe Dominante (L1)
4- Língua dominante na comunidade	Bilíngüe Endógeno
5- Desempenho	Bilíngüe Subordinado
6- Identidade Cultural	Bilíngüe Bicultural
7- Contexto Social	Bilíngüe Ascendente
8- Língua padrão	Bilíngüe Aditivo ou Horizontal
9- Educação	_____

Quadro 7- Quadro descritivo do sujeito de pesquisa, segundo ao quadro 3 proposto neste trabalho pág 71

³¹ As classificações descritas nesta tabela foram atribuídas aos dados citados no capítulo II metodologia de pesquisa, no item 1.2. sujeito da pesquisa, segundo o quadro proposto no capítulo I de fundamentação teórica, no item 1.4. tipos de bilíngüe.

Segundo as informações relevantes obtidas por meio do questionário, pude classificar o sujeito da pesquisa como bilíngüe tardio consecutivo (Inglês/Português), por ter contato com o português na fase adulta; bilíngüe dominante (L1), por ter mais fluência no inglês do que no português; bilíngüe endógeno por ter o Português como língua presente na comunidade que o cerca (mora aqui no Brasil); bilíngüe subordinado por demonstrar interferência do inglês no português; bilíngüe bicultural, por assumir sua característica de bilíngüe e se identificar com a nova cultura; bilíngüe ascendente por estar aumentando a competência lingüística devido ao uso do português em sua vida diária; bilíngüe aditivo por estar em contato com dois idiomas(português/inglês) socialmente valorizados.

O sujeito de pesquisa pode ser também classificado como um bilíngüe de infância simultâneo (inglês/yoruba) devido ao seu contato com o dialeto desde sua primeira infância.

2- Gravações em áudio

As gravações em áudio compreendem os dados coletados a partir da entrevista coletiva, entrevista individual e teste de percepção visual.

Selecionei 29 (vinte e nove) trechos com mudança de uma língua para a outra, os quais serão citados e comentados aqui.

Para organizar a apresentação dos dados, utilizei uma subdivisão dos dados em categorias de análise: (1) Estratégia comunicativa; (2) Interferência; (3) Prosódia e entoação; (4) Tipos de *code-switching*.

2.1. Estratégia comunicativa

O sujeito de pesquisa utiliza várias estratégias comunicativas para estabelecer, manter e certificar-se da compreensão com seu (s) interlocutor (es).

Descrevo a seguir as estratégias relevantes para esta pesquisa.

2.1.1. O uso de empréstimos

Pude notar, primeiramente, o uso de alguns empréstimos de palavras como “caipirinha” e “feijoada” do português, adaptada a frases em inglês.

P³²: “Do you like caipirinha e feijoada?”³³

SJ: “No, I don’t drink **caipirinha** because ah (...) (160 ms)
caipirinha is a mixing of alcoholic drink and I don’t drink. I don’t eat **feijoada** because of my religion. I don’t eat pork.”³⁴

Neste momento o sujeito realizou ajustes fonéticos para que os fonemas do português fossem devidamente reproduzidos. No recorte acima temos a descrição deste trecho.

P: “What’s your favourite soccer player?”

*SJ: “My favourite soccer player is **Adriano** Do you know that guy?*

He’s very tall.”

P: “What’s your favourite soccer team? “

³² Prefere-se a pergunta feita pela pesquisadora ou os alunos que entrevistaram o sujeito da pesquisa

³³ A pergunta foi realizada pela pesquisadora na entrevista individual como descrito anteriormente.

³⁴ Transcrição do anexo 3 (SJ Inter 03)

SJ: “Yes) (expectativa) **Corinthians.**”

(“Você gosta da comida aqui do Brasil?”)

(?) Eu gosto muito **Big Mac**”

Os trechos acima também foram destacados por constarem o mesmo fenômeno. É interessante perceber a estratégia do sujeito, quando ele, além de adaptar a palavra à língua matriz, não alterando a estrutura sintática, ele tenta reproduzir os fonemas de origem da palavra produzida. É o caso, nos recortes acima das palavras: “Adriano”, “Corinthians” e “Big Mac”.

2.1.2.- O uso da *Trigger word* como desencadeadora do *code-switching*

Notei o desencadeamento do *code-switching* a partir da *trigger word* proposto por Clyne (1987, apud Milroy & Muysken, 1995), que se assemelha ao termo ou expressão que desencadeia o *code-switching*. A *trigger word* é geralmente seguida de uma pausa³⁵ hesitada onde é feita a transferência de uma língua para a outra.

P: Há alguma situação que você prefira falar em inglês?

*SJ: Falar inglês **Oh!(...)** (pausa preenchida - 383ms) **You mean (...)(221ms)Oh OK. When... If I´m very nervous with somebody I speak English. When I´m nervous I have to speak English to express my thoughts.***

No exemplo anterior aparece as interjeições “Oh” desencadeando a mudança do código lingüístico. Pude ressaltar também o uso de pausas que é uma estratégia lingüística do falante para organizar o pensamento e continuar o seu discurso.

³⁵ Segundo Laver (1994) considera-se uma pausa significativa a partir de 90ms.

A interjeição “OK” aparece por 7 (sete) vezes no *corpus* analisado, muito usada no discurso no ato da mudança do código ou para se certificar se a compreensão foi de fato consumada. No recorte abaixo ela provoca a mudança do código lingüístico. Neste trecho o sujeito parece se sentir mais seguro em versar em inglês. Esta insegurança pode ser interpretada pelas pausas que permeiam no discurso em português.

P: Você já ouviu falar em “mensalão”?

SJ: Humm (pausa preenchida- 280ms) Já ouviu, já ouviu.

P: O que você acha?

*SJ: Eu acho que **mensalon** é (...) (1,636ms), é alguma coisa de **corrupçon** que ... pessoas da política estão fazendo (...) (437ms) **OK!** (...) (689ms) **I think ah..** (...) (pausa preenchida - 630 ms) **it symbolizes the corruption.***

No caso anteriormente mencionado, a palavra “mensalão” é um termo particular pertencente a língua portuguesa, muito usado no Brasil, não existe um termo equivalente em inglês. O SJ por ser uma pessoa muito ativa mostra-se disposto a interagir com seus interlocutores com assuntos diversos, especialmente com seus alunos, durante suas aulas. É por isso que demonstra familiaridade com a palavra, mas mesmo assim, se sente mais a vontade descrevê-la na língua inglesa. A hesitação (pausa), mostra o momento de reflexão para elaboração do discurso e daí a conseqüente troca do código lingüístico.

2.1.3.- Padrão acentual e fonotaxe

Neste mesmo trecho, tem também uma mudança no padrão acentual. Ao produzir a palavra “corrupção” utilizou um padrão acentual diferenciado. Ao falar a palavra corrupção no português, o sujeito acentua a terceira sílaba e

no inglês a segunda. Na terceira sílaba temos uma mudança na fonotaxe³⁶, no português a sílaba final é CV e enquanto que no inglês é CVC.

2.1.4. – Alongamento da sílaba devido à mudança do acento

Por meio da inspeção acústica pude também visualizar, com o auxílio da forma da onda, que o sujeito alongou a sílaba de “corrupção” e de “mensalão”. Esta estratégia deriva da colocação do acento na sílaba final de “corrupção”

Segundo Kent e Read (1992), o acento em inglês, se contrastivo ou lexical, não é meramente um problema de intensidade, mas envolve os três parâmetros acústicos – duração, intensidade e frequência fundamental, sendo que, dentre os três, a duração é o parâmetro acústico mais robusto.

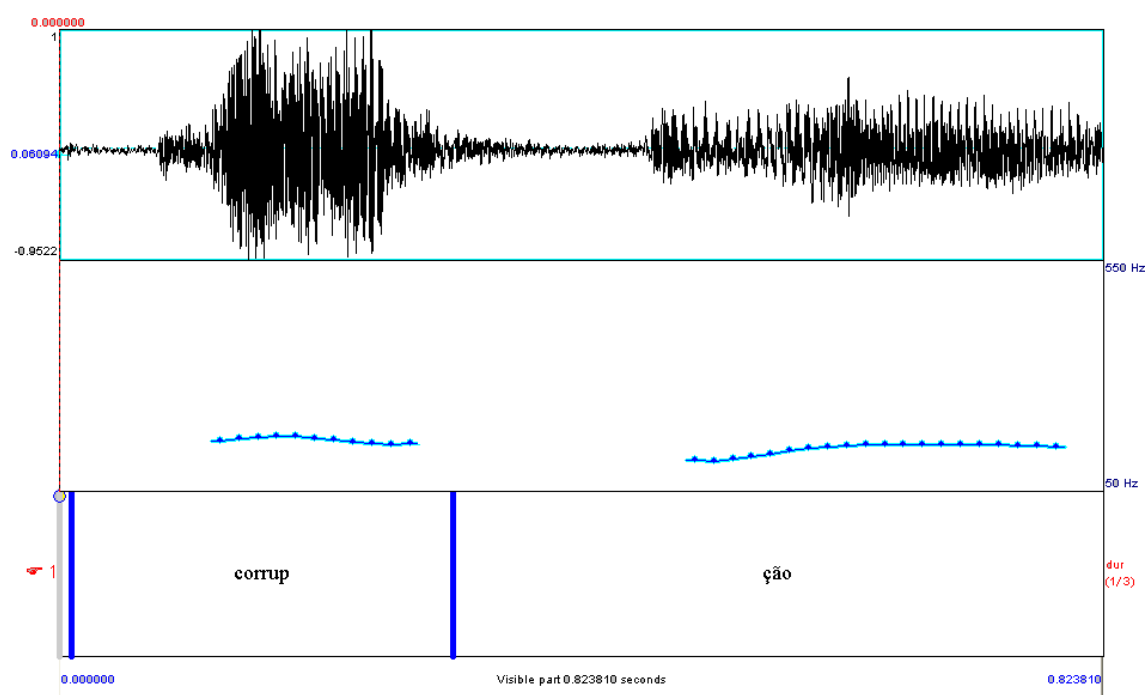


Figura 6- Forma da onda, contorno f0 e segmentação da palavra “corrupção”. (sílabas “ção” pronunciada como [son] na produção do sujeito).

³⁶ A fonotaxe investiga o levantamento de hipóteses sobre os fatores envolvidos nos julgamentos de gramaticalidade das combinações de sons/letras na língua (Gama-Rossi, 2002)

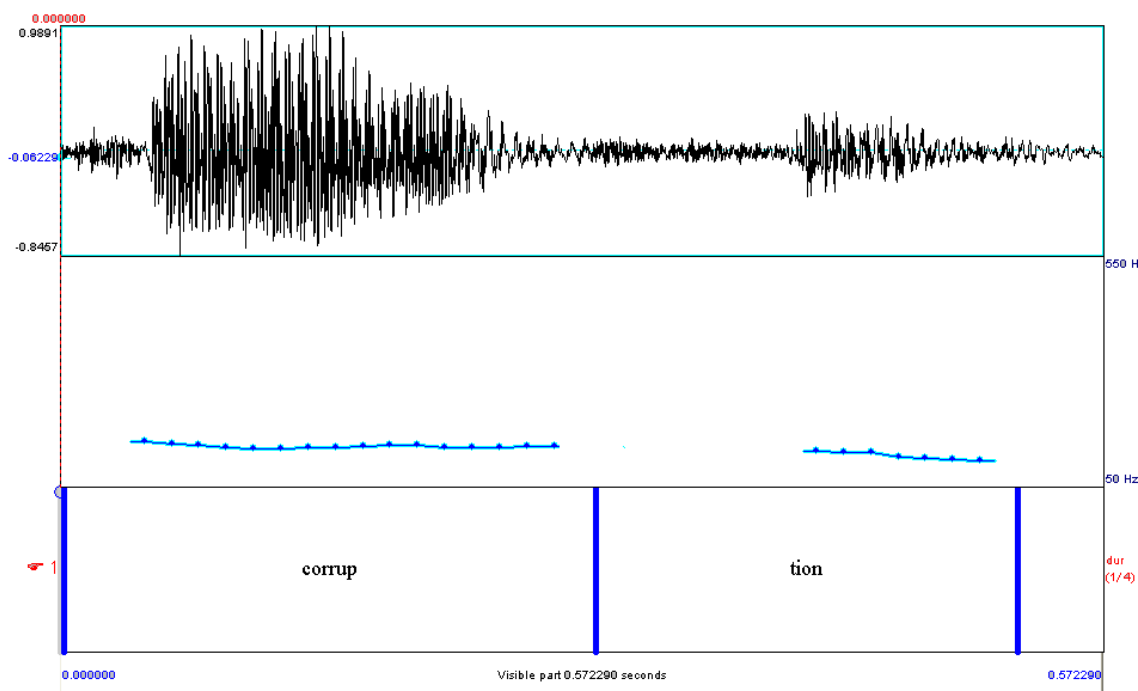


Figura 7- Forma da onda, contorno f0 e segmentação da palavra “corruption”.

A sílaba “ção” em “corrupção” mediu 525 ms³⁷ e as demais 298 ms, portanto sua duração foi 76% maior do que as duas outras sílabas juntas. A sílaba “tion” durou 134 ms e as demais 251 ms, portanto foi 46% menor do que as duas sílabas juntas.

2.1.5.- Pausa

*P: Há alguma situação que você prefira falar em português?
 SJ: Ah.. hum...ah.. às vezes quando percebo que alguma
 pessoas que não fala muito muito bem inglês. Português, nada
 nada em inglês especialmente alunos básico que não sabe
 nada nada de inglês (...)(535ms)-pausa mais “s” **so(pausa
 preenchida 830 ms)** é preciso explicar em português.*

³⁷ Ms refere-se à milissegundos. Medida de tempo na produção, utilizada na fonética acústica.

No trecho acima descrito , pude observar um conectivo “so” em inglês no discurso em português. Podemos dizer que foi um recurso utilizado pelo falante para uma hesitação, pausa , para organizar a idéia e terminar o discurso.

P: If you are talking with someone that doesn't understand you, What do you do?

SJ: I have to think, to say, to explain (...) (473 ms) in (...) (218 ms) Português, (...) (97ms) all over of Português .

Neste outro trecho consegui identifiquei uma mudança de código do inglês para o português, e é muito provável que isso tenha se dado pela escolha do léxico : a palavra “português” fez com que o sujeito relembresse da língua portuguesa, retomando o léxico e a fonética da língua portuguesa. A presença de pausas, por sua vez, indica planejamento do discurso (a de 473 ms) e sinaliza a mudança de código (97ms).

2.1.6.- Tradução e repetição do item lexical

Na entrevista coletiva, as perguntas foram realizadas, primeiramente em inglês, por se tratar de uma aula interativa em inglês. Porém, como os alunos da 4ª série (atual 5º ano) do ensino fundamental I, com idade aproximada de 10 anos, que interagiam com o falante bilíngüe não eram proficientes em língua inglesa, realizaram algumas perguntas em português também. Por este motivo, várias vezes o falante repete palavras ou expressões, para se assegurar que os interlocutores compreenderam a informação desejada.

P: When you were a child which was your favourite school subject?

*SJ: Do you know History? **História** It was my favourite subject. I loved it.*

P: What's your favourite animal?

*SJ: For me... it's a very beautiful parrot Do you know parrot? Do you know parrot ? **Papagaio. Papagaio.***

P: What's your favourite TV program?

*SJ: My favourite TV program is news I love ah (...) (282ms) I love **Jornal Nacional** I love fine news I love ah.. record news I love Ok Ah... Only news **jornal** ok?*

No recorte acima, o SJ , além de repetir em português, sente a necessidade de retomar o discurso em inglês e acrescentar o “OK”, para se certificar do entendimento.

P:What's your favourite soap opera?

*SJ: Oh, I don't (sss) watch soap opera so much but I love ah... **Belíssima** I watch **Belíssima** sometimes **Belíssima** Do you know? (...) **Da Globo***

No trecho acima o SJ tenta estabelecer o entendimento, utiliza outra estratégia lingüística, ele acrescenta “Da Globo”, para facilitar a compreensão dos interlocutores, sendo esta, a emissora de televisão que transmite a novela Belíssima.

2.1.7.- Linguagem gestual

P: What's the difference between Brazil and Nigeria?

*SJ: As roupas de África que é **longe** (gesticula com a mão, descrevendo longas). Eu vou mandar fotos de roupas da Nigéria pra vocês **OK**?*

Outro aspecto observado foi as escolhas lexicais realizadas pelo falante. O sujeito fez ajustes para que a comunicação fosse estabelecida de fato. A palavra “longe” por exemplo, foi usado em seu sentido próprio quando versou sobre a posição geográfica do seu país de origem em relação ao Brasil, porém o mesmo item lexical foi usado para descrever roupas longas quando versou sobre as vestes típicas. Além disso no final do discurso acrescenta novamente o “OK” para certificar-se do entendimento. Pude perceber com as imagens do vídeo que o sujeito gesticula com a mão, descrevendo as roupas longas.

2.2. Interferência

Por ser um bilíngüe tardio consecutivo, pude notar um grande número de interferências da L1 (inglês) na L2 (português) no discurso do sujeito.

P: Can you tell something interesting about your childhood?

*SJ: Ah! (risos) It was a long time **atrás** (risos) ah I'm going to tell you something about my childhood, (?) I used to play football...*

No recorte acima apresentado, destaco a expressão “a long time ago” (há muito tempo atrás), violada por uma palavra inserida da língua portuguesa. Este foi um dos quatro únicos trechos que tivemos o CS no sentido primeira para segunda língua, em um contexto que a princípio não favorecia o surgimento da língua portuguesa, pois a pergunta feita remetia ao passado do sujeito, a infância, a

qual estaria intimamente ligada a sua língua materna (língua inglesa), e o que ele na verdade faz, é trazer a língua portuguesa à tona. Pude levar em conta o contexto situacional, uma vez que ele está interagindo com os alunos neste momento, e sabe que talvez eles não estejam compreendendo, porém é curioso a mudança nesta expressão como apresentado a seguir:

Aqui verifiquei que ocorreu uma produção involuntária, não consciente por parte do locutor. Segundo Paradis (1983), este fenômeno de substituir o léxico com mesma equivalência, descrito acima, encontra explicação no fato de que o indivíduo bilíngüe possui dois subsistemas de conexões neuronais, um para cada língua (os quais podem ser ativados ou inibidos de maneira independente) sendo que é, ao mesmo tempo, detentor de um sistema mais vasto, o da linguagem, dentro do qual pode selecionar indiferentemente elementos de um ou outro idioma.

Pude notar que a mudança que se estabelece, também segue o princípio da equivalência citado por Romaine (1995). Segundo a autora isto só é possível se a ordem das palavras anteriormente e posteriormente à mudança deve ser possível nas duas línguas.

Assim temos:

“It was a long time **ago**.” (inglês)

“Foi há muito tempo **atrás**.” (português)

As estruturas lexicais do português e do inglês são, nesta sentença equivalentes, o que, segundo este princípio, facilita a mudança de código. Conforme Grosjean (1982), quando ocorre uma permuta entre palavras durante o discurso elas sempre pertencem à mesma classe sintática. Tais idéias são confirmadas por Romaine (1995), para quem o nível pré-lingüístico conceptual reflete propriedades da mente humana sendo comum aos dois sistemas do falante bilíngüe. O nível semântico-lexical, entretanto, difere segundo se trata de um ou de outro idioma, o que significa que os dois níveis são funcionalmente independentes.

Quem domina mais de um código lingüístico tem, portanto, a faculdade de empregar, de maneira alternada ou simultânea, elementos de cada um deles. No momento em que o bilíngüe procura na sua memória um termo, é possível que evoque espontaneamente, dentre os sinônimos, algum pertencente à outra língua inconscientemente.

Na entrevista reflexiva o sujeito ouviu a gravação e confirmou que havia produzido “a long time atrás”, porém mostrou-se surpreso, pois não havia percebido antes de ouvir a gravação que havia feito tal mudança do código lingüístico e nem tinha uma explicação para tal fenômeno. Questionei se por alguma vez ouviu esta expressão anteriormente dita por engano, por algum aluno, uma vez que é professor de inglês, e ele nos disse que não. Nunca havia ouvido esta expressão anteriormente, e não tem a menor idéia o porque o fez, uma vez que a pergunta dita foi realizada mediante uma pergunta relacionada a sua infância e sabemos, como já foi dito anteriormente que sua língua primeira língua, de infância é o inglês.

Outra questão observada foi a interferência do idioma devido à proximidade do léxico. Os exemplos abaixo ilustram isso.

P: Você conhece alguns pontos turísticos aqui em São Paulo?

*SJ: Ah sim Já fui na **museum** aquele fica na Paulista Ah*

Masp, Já fui na zoológica.

No exemplo acima, ressalta-se a questão do uso do termo em inglês “museum” ao invés de museu além de ter a influência gramatical do artigo “a” que no inglês não distingue feminino e masculino como por exemplo: “a farm” (uma fazenda) e “a zoo” (um zoológico). O SJ então produz “na museum” ao invés de no museu.

*SJ: Eu acho Brasil tem **violence, many things**, é uma coisa que tem na outro grandes cidades também para mim não é grande problema.*

No exemplo acima, além do uso da palavra violência, ainda usa a expressão “many things”, para organizar o discurso e continuar falando. Outro aspecto interessante que pude observar neste trecho é o uso da expressão “grandes cidades” que corresponde a estrutura do inglês “big cities” dos aspectos relacionados a gênero e número de “na outro” ao invés de “nas outras grandes cidades”.

*SJ: ele quer sabe muito coisa sobre sua vida quando ele não conhece muito de você, por **example** quando cheguei aqui tava muito tempo quando...*

No exemplo acima atribuí o fato da similaridade entre o léxico exemplo e “example” fez com que o sujeito fizesse a mudança lingüística, utilizando os fonemas do inglês.

Destaquei também um outro trecho em que embora não haja mudança do código lingüístico, há interferência da L1 na L2, ou seja a língua matriz que rege o discurso dele:

*SJ: Pra mim, na minha país, ninguém faz esse.
(For me, in my country, nobody does it.)*

Observei que a estrutura frasal e o léxico escolhido remete à língua inglesa, o que nos faz concluir que a língua matriz do sujeito é a língua inglesa.

Conforme Li Wei (2000), existe uma suposição tácita que permeia muitas explicações sociolingüísticas a respeito do CS e que é responsável pela idéia de que toda expressão não pertencente à língua matriz que é inserida no discurso poderia ter sido substituída, de alguma maneira, por uma expressão semanticamente “equivalente”. Para o autor, nem sempre é possível expressar a mesma idéia em ambas as línguas por meio daquilo que o dicionário aponta como sendo sinônimos ou equivalentes.

P: O que você faz?

*SJ: Sou professor de inglês (...) **I teach English.***

No trecho acima descrito, temos uma construção interessante. Percebi que, mesmo respondendo a pergunta em português, o falante, sentiu a necessidade de concluir em inglês, acrescentando algo ao discurso depois de uma pausa. Notei a construção sintática perfeita nos dois idiomas sem a interferência lexical e fonológica. Para isto, o sujeito usou a estratégia da pausa, para que a mudança ocorresse com tranquilidade.

*SJ: ...pessoas que não me conhece pergunta: **HI!** De onde você é ? Ah O que você está fazendo aqui?*

P: Sua esposa é professora também?

*SJ: **No, no** minha esposa.... (?)*

Nestes trechos acima pude notar a introdução de alguns itens lexicais comuns “HI” e “NO”, que foram transferidos provavelmente de forma natural, não-consciente , por serem termos muito usados em situações corriqueiras.

SJ: Can you say something for us in Portuguese?

*Of course. I can say **Oi tudo bom? Como vai você?***

Tudo bom?OK!

No trecho anterior houve a pergunta que motivou o discurso em português, mas percebi a introdução do discurso em português e depois o uso do “OK” para a confirmação do entendimento.

2.3.- Prosódia e entoação

Outro aspecto observado foi em relação as alterações prosódicas e entoacionais realizadas pelo sujeito.

Nas perguntas realizadas nos trechos abaixo, pude observar uma mudança no tipo do padrão entoacional utilizado pelo sujeito analisado.

*SJ: **Alguém quer perguntar alguma coisa em Portuguese pra mim?** Oh Did you find it Ok.*

P: Have you ever been to England?

*SJ: Has anybody been to England? **Alguém já foi pra Inglaterra aqui ?NÃO!** I’ve been to England. I’ve been to Ireland.*

Com o auxílio da inspeção acústica, observei que o SJ em duas frases interrogativas totais “Alguém já foi para Inglaterra aqui?” e “Alguém quer perguntar alguma coisa em português pra mim?” , utiliza o padrão entoacional do inglês, ou seja, ascendente e não ascendente-descendente que seria o padrão em português.

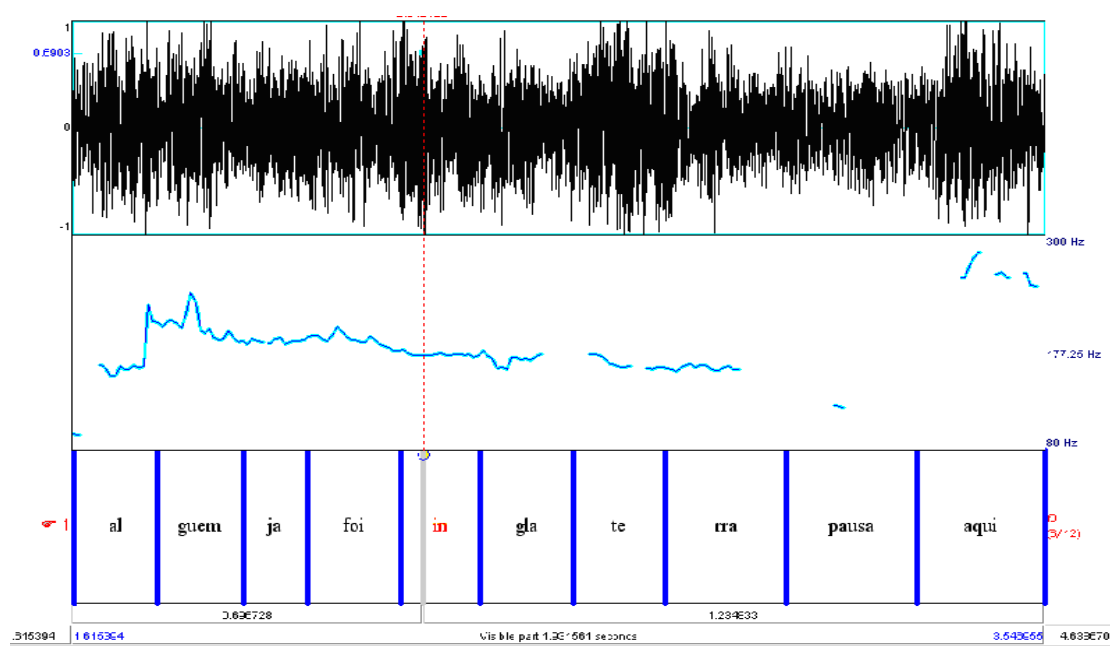


Figura 8-Forma da onda, f0 e segmentação da pergunta: "Alguém já foi pra Inglaterra aqui?"

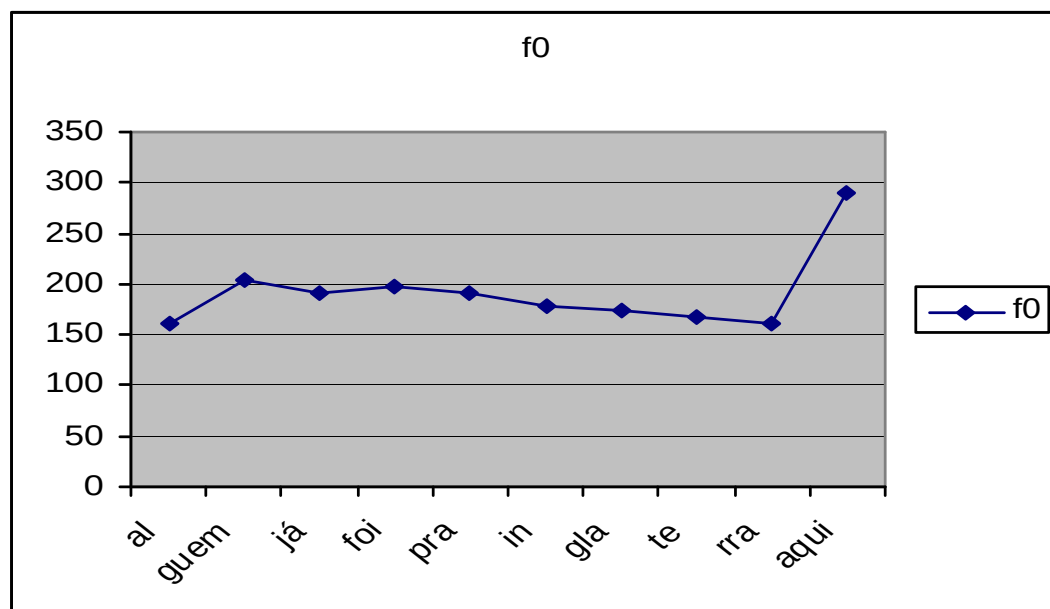


Gráfico 2- Gráfico gerado a partir dos valores de F0 relacionados a produção da pergunta: "Alguém já foi pra Inglaterra aqui?" / Padrão entoacional ascendente

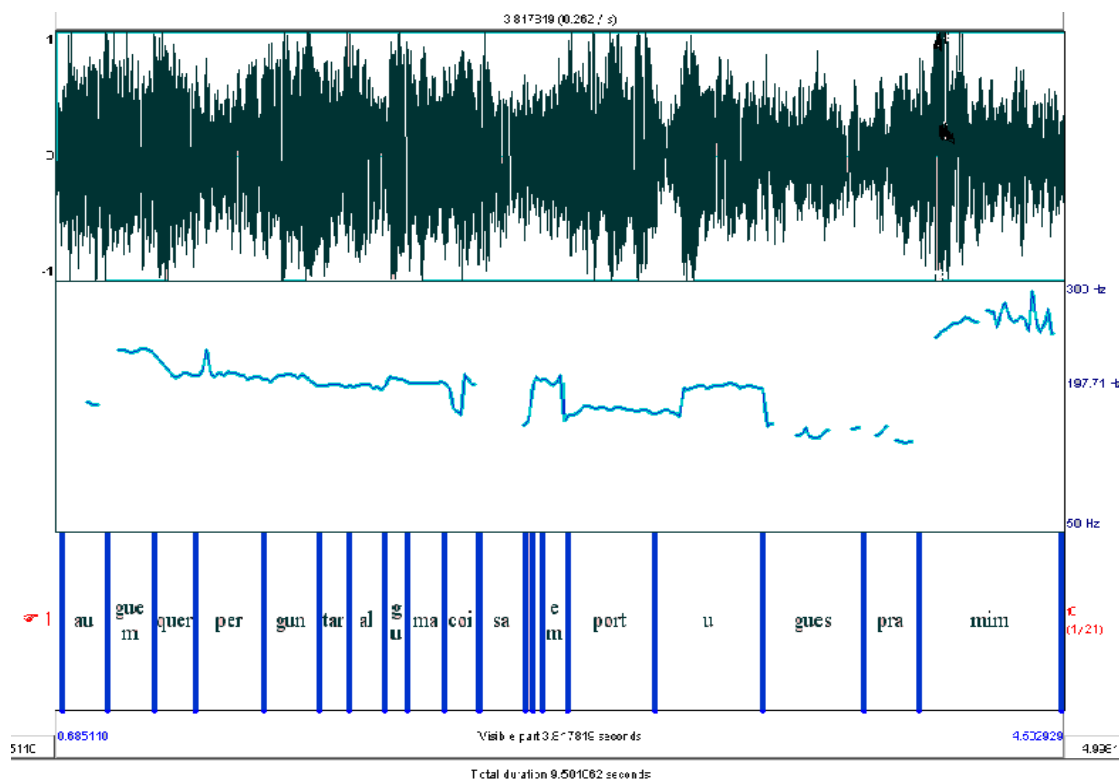


Figura 9-Forma da onda, f0 e segmentação da pergunta: "Alguém que perguntar alguma coisa em Português, pra mim?"

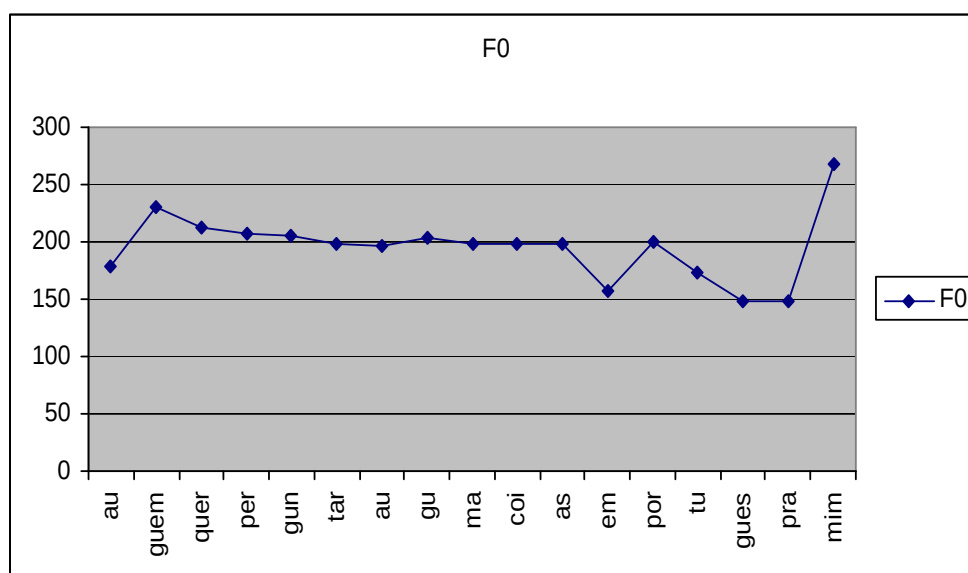


Gráfico 3- Gráfico gerado a partir dos valores de F0 relacionados a produção da pergunta: “Alguém quer perguntar alguma coisa em Português pra mim?” / Padrão entoacional ascendente

Com os dados anteriormente descritos conclui que o inglês é a língua base do SJ, pois ele utiliza a prosódia do inglês mesmo quando está interagindo em português. Embora o léxico tenha sido utilizado corretamente e a questão tenha sido compreendida pelos receptores, algo estranho soa quando você houve esta questão. Com a medição e visualização do contorno entoacional pudemos constatar que há uma inadequação no padrão entoacional de frases no português ditas pelo sujeito, comparando com o padrão do Português Brasileiro como já descrito anteriormente.

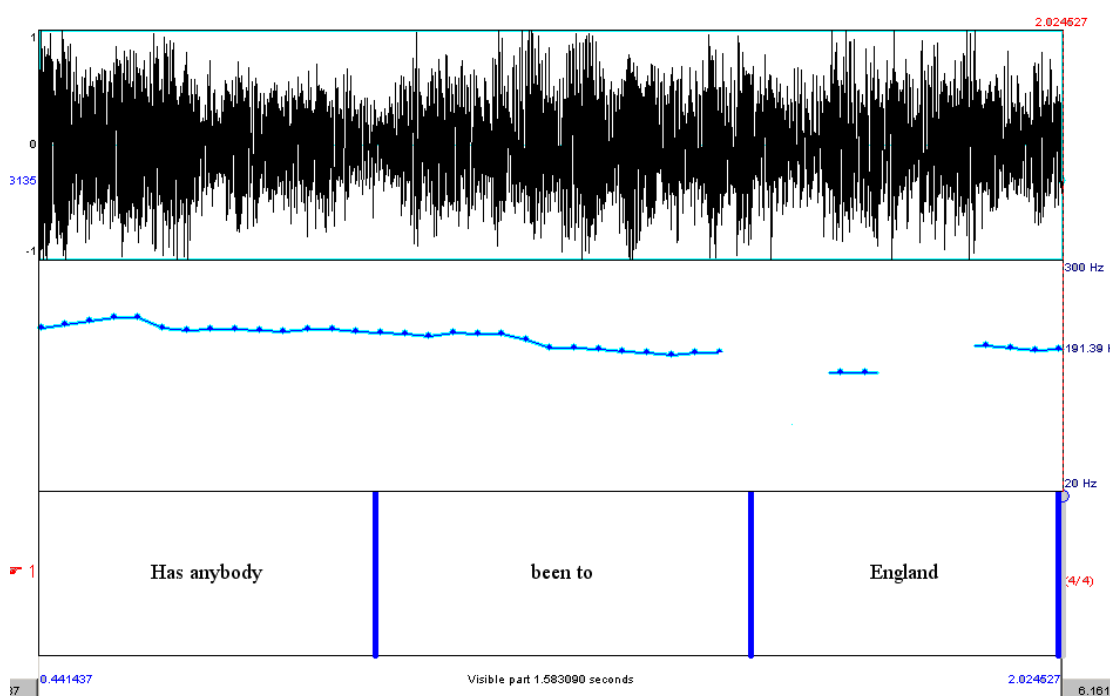


Figura 10 -Forma da onda, f0 e segmentação da pergunta: “Has anybody been to England?”

Pude notar na pergunta em inglês “Has anybody been to England?” que o sujeito mantém o contorno entoacional ascendente padrão da língua inglesa.

2.4.- Tipos de *code-switching*

No *corpus* analisado pude identificar diferentes tipos de *code-switching*, como descrito a seguir.

2.7.1. *Code-switching* intra-sentencial

*SJ: Can I take a picture with all **vocês uma foto?***

No trecho acima também temos um CS intra-sentencial com equivalência. Notem que além de inserir um termo lexical no final da oração, ele ainda repete o léxico em português para se certificar da compreensão.

Temos também o tipo de CS intra-sentencial nos recortes abaixo citados:

*SJ: Eu acho Brasil tem **violence, many things**, é uma coisa que tem na outro grandes cidades também para mim não é grande problema.*

*SJ: Eu gosto muito di aqui brasileiros pra mim muito boas pessoas bom coração ah.. coração **They are** muito muito boa pessoas...*

Pude notar que a equivalência gramatical foi mantida, e por isso a estrutura sintática foi preservada.

2.7.2. *Code-switching* inter-sentencial

Observei nos dados abaixo os tipos de CS inter-sentencial como nos exemplos abaixo:

*SJ: Has anybody been to England? **Alguém já foi pra Inglaterra aqui ?**NÃO! I've been to England. I've been to Ireland.*

*SJ: Sou professor de inglês (...) **I teach English.***

Temos aqui a mudança de código em sentenças distintas, onde cada uma é produzida em uma língua diferente.

2.7.3. *Tag-switching*

Outro tipo de CS que pude encontrar é o *tag-switching* como descrito nos trechos abaixo, que se assemelha ao *code-switching* unitário proposto por Dabène & Moore (1995):

*SJ: ...pessoas que não me conhece pergunta: **Hi!** De onde você é ? Ah O que você está fazendo aqui?*

P: Sua esposa é professora também?

*SJ: **No, no** minha esposa.... (?)*

Em grande parte do discurso realizado pelo sujeito da pesquisa durante as gravações, percebi a predominância da língua inglesa (língua materna), sendo considerada a língua base (Grosjean, 1986) do discurso durante a interação. O sujeito usou as duas línguas e a mudança de código ocorreu com maior frequência do português para o inglês.

Pude notar 25 (vinte e cinco) trechos com a mudança do código lingüístico do português para o inglês e 4 (quatro) do inglês para o português.

A língua preferencialmente utilizada pelo sujeito foi o inglês o que evidencia um nível superior de proficiência e corrobora sua afirmação de excelência em suas habilidades e seu dom e habilidade para o ensino do idioma. O português porém, aparece em algumas situações de maneira espontânea, o que demonstra a proficiência e o bilingüismo do sujeito.

No ato discursivo do bilíngüe as duas línguas são ativadas , uma delas, no entanto, é escolhida como língua base (principal língua da interação) para ser usada com o interlocutor, podendo ser, dentro da mesma interação, trocada de acordo com a situação, tópico, interlocutor ou função da interação. (Grosjean, 1986). Posso dizer que a língua base do SJ durante a interação é o inglês.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É melhor debater uma questão sem resolvê-la do que resolver uma questão sem
debatê-la.”

(Joseph Joubert)

O *code-switching* ou mudança de código aqui tratada neste estudo com base na abordagem sócio-psicolingüística não é considerado como uma imperfeição na fala do sujeito bilíngüe e sim como um recurso discursivo freqüentemente usado por falantes bilíngües em situação de interação.

A análise dos dados e o histórico de aprendizagem revelaram que o sujeito de pesquisa é um bilíngüe tardio (inglês / português) de aquisição consecutiva e que apresenta um nível de proficiência superior na sua língua materna, a língua inglesa, em sua habilidade relacionada a fala, e por isso a utiliza preferencialmente em seu discurso.

Os *corpora* de pesquisa analisados revelam as diferentes estratégias lingüísticas utilizadas pelo falante bilíngüe que podem contribuir para a compreensão de fatores envolvidos na produção do CS. Posso dizer assim que estas estratégias foram definidas por motivações lingüísticas, sociolingüísticas e cognitivas.

A primeira está interligada ao uso do léxico, em situações que a passagem para o outro código, com ou sem adaptação das palavras à pronúncia da língua de base, deve-se à falta de disponibilidade de um termo nesse idioma. A troca de sistema lingüístico é motivada, freqüentemente, pela maior facilidade de expressão de certas idéias ou sentimentos em uma das línguas faladas, por questões de domínio do tópico ou experiência lingüística, o que muitas vezes revela a preferência pessoal do falante por uma das línguas. No caso do falante que analisamos, o inglês é a língua de preferência, e a troca de código é, maioria das vezes, do português para o inglês.

A segunda, a motivação sociolingüística, refere-se aos fatores externos como local e participantes, intimamente relacionada com a atitude do sujeito, que demonstra querer interagir com os demais participantes da

conversa e certificar-se que sua fala é compreendida. Concluímos, então que a opção pelo *code-switching* também pode refletir a atitude do ouvinte.

A motivação cognitiva está relacionada com a função dos subsistemas cerebrais que ativam as mensagens para a construção do discurso. Pude observar que o sujeito bilíngüe tardio aqui analisado apresenta características da língua matriz (inglês) na prosódia quando utilizando o português. Alguns aspectos fonéticos também evidenciam a presença mais forte da língua inglesa no discurso do falante.

Percebi que em se endereçando a outro falante, o sujeito involuntariamente transfere termos da segunda língua para a primeira. Ao violar as convenções (porém de maneira estruturada) o sujeito diferencia sua estratégia comunicativa, utilizando pausa, repetição, tradução, mudança do padrão entoacional, alongamento e deslocamento acentual, porém pude notar que as mudanças não ocorrem aleatoriamente e que há uma organização interna dos dois sistemas lingüísticos envolvidos.

Os dados corroboram a idéia de que um falante bilíngüe tem sua própria característica lingüística, possuindo uma rede individual tecida pela sua estratégia comunicativa que é compartilhada por ele e pelos interlocutores que o cercam.

Por meio deste trabalho proponho dois tipos de *code-switching*:

- 1- ***Code-switching intencional***- quando o falante muda de código intencionalmente com um objetivo qualquer, por exemplo, para ser melhor entendido pelo seu interlocutor.
- 2- ***Code-switching não intencional*** – quando o sujeito não tem a intenção de persuadir o interlocutor e a mudança de código não é consciente, ou seja, o sujeito nem nota a mudança do código lingüístico.

O presente trabalho serviu para desencadear uma reflexão acerca das especificidades da fala de um bilíngüe tardio quando este se utiliza de *code switching*, *fenômeno* que é referido neste trabalho como abrangendo toda mudança do código lingüístico.

Passíveis de pesquisa posterior são também alguns dos aspectos não enfocados durante a análise dos dados coletados para este estudo de caso individual de CS na fala de um bilíngüe tardio . Os seguintes tópicos podem, assim, constituir sugestões de temas para futuras pesquisas na área do *code-switching* :

- comparação de produções feitas por bilíngüe tardio e bilíngüe de infância;
- análise de fronteiras sintáticas no CS;

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M.E.D.A. (1995) *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas, Papirus, 5^a ed.

ARCHIBALD, J. (2007) *Comparing early and late bilinguals: aspects of knowledge and ability*. University of Calgary.

AUER, J. C. P. (1988) A conversation analytic approach to code-switching and transfer. In: Li Wei (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

_____(1991) The pragmatics of code-switching: a sequential approach, In: Milroy L. & Muysken P. (1995). *One speaker, two languages*, Cambridge University Press

BARBOSA, P. A., (1999) Revelar a estrutura rítmica de uma língua construindo máquinas falantes: pela integração de ciência e tecnologia de fala.” In: Estudos de Prosódia. Scarpa, Ester (Org.). Campinas, Editora da Unicamp, pp. 21-52.

BLOOMFIELD, L. (1965). *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

BLOM, J. P & GUMPERZ, J. J. (1972) Social Meaning in linguistic structure: code-switching in Norway, In J. J. Gumperz and D. Hymes (eds) *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, pp. 407-34. In: Li Wei (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

CÂMARA, Joaquim M., (1972) *Fonema e Fonologia. Ensaios*. Seleção, tradução e notas, com um estudo sobre Roman Jakobson. Série Filologia e Lingüística, vol. 2. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

CHIN, N. B & WIGGLESWORTH G., (2007) *Bilingualism: an advanced resource book*, Routledge.

CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press.

CHUN, D. M. (2002) *Discourse Intonation in L2: From Theory and research to practice.* , John Benjamins.

CRYSTAL, D. (1987). *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press: Cambridge.

CLYNE, Michael (1987) . Constrains on code-switching: How universal are they? In: Li Wei (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

DI PIETRO, R. J. (1976). Code-switching as a verbal strategy among bilinguals. In M.Paradis (Ed.), *Aspects of Bilingualism*. Columbia, S.C.: Hornbeam Press.

GAMA-ROSSI, (2002) A. J. A. *Julgamentos de gramaticalidade da fonotaxe do português: dados de um experimento*. Intercâmbio, São Paulo, v. XI, p. 157-164.

GARDNER, R. C. (1982). Language attitudes and language learning. In E. B. Ryan & H. Giles (Eds.) , *Attitudes towards language variation*. London: Edward Arnold.

GROSJEAN, F. (1982) *Life with two languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press

_____ & SOARES, c. (1986) Processing mixed language: some preliminary findings, In Vaid (1986), 145-79. In: Milroy L. & Muysken P. (1995). *One speaker, two languages*, Cambridge University Press

GUMPERZ, J. J., (1982)*Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1982) *Language and Social Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ & LEVINSON, S. C. (1996), *Rethinking linguistic relativity*, Cambridge Cambridge University Press.

HAMERS, J. F. & BLANC, M. H. A. *Bilinguality and Bilingualism*, Cambridge University Press.

HAUGEN, E. (1969). *The Norwegian Language in America*. Bloomington: Indiana University Press.

HYMES, D. (1971). "Competence and performance in linguistic theory" *Acquisition of languages: Models and methods*. Ed. Huxley and E. Ingram. New York: Academic Press. 3-23.

JAKOBSON, R. (1953). *Lingüística e comunicação* (I. Blikstein & J. P. Paes, Trads.). São Paulo: Cultrix

KENT, R. D. & READ, CH. (1992) *The Acoustic of Speech*. San Diego: Singular.

KIM, Relkin, Lee, & HIRSCH, (1997) *how multiple languages are represented in the human brain* (p. 171 e 173).

LAMBERT, W. E. (1967). *A social psychology of bilingualism*. Journal of Social Issues, 23(2), 91-109.

LAVER, J. (1994). The prosodic organization of speech: pitch and loudness. In: LAVER, J. (1994) *Principles of Phonetics*. Cambridge University Press.

MACKEY, W. F. (1962). The description of bilingualism. Canadian Journal of Linguistics 7:51-85, In: Li Wei (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

MACKEY, A & GASS S. M. (2005) *Second Language Research*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers London.

MADUREIRA, S. (1994) *Pitch patterns in Brazilian Portuguese: an acoustic phonetic analysis*. Vth Australian International Conference on Speech Science and Technology, 5 a 9 de Dezembro, Perth, Austrália.

_____; GAMA-ROSSI, A; BARBOSA, P. A., FONTES, M. A. S. (2004) Brazilian and European Portuguese contrasted: an experimental acoustic study of speech segments in calsh and non-clash conditions. *Tone and Intonation in Europe. Santorini Conference Abstracts*. September 9-11, 2004. *McCLURE, E. (1981) Formal and functional aspects of the code-switched discourse of bilingual children*. In Durán (1981), 69-94., Massaria, Santorini, Greece.

MEGALE, A. H. *Bilingüismo e Educação Bilíngüe: discutindo conceitos*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL, Ano 3 n. 5, 2005.

MELLO, H. A. B. (1999) *O falar bilíngüe*. Editora UFG

MEISEL. J.M & KÖPPE,R. (1995) Code-switching in bilingual first language acquisition, In: Milroy L. & Muysken P. (1995). *One speaker, two languages*, Cambridge University Press

MILROY L. & MUYSKEN P. (1995). *One speaker, two languages*, Cambridge University Press.

MORAES, João Antônio de. Em torno da entonação: alguns problemas teóricos. In: *Cultura lingüística*, 1. 1982, p. 63-78.

MYERS-SCOTTON, C. (1988) Code-switching as indexical of social negotiations. In M. Heller (ed) *Codeswitching*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 151-86. In: Li We (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

_____ & JAKE, J. L.(1995) Matching lemmas in a bilingual competence and production model. *Linguistics* 33:981-1024, In: Li Wei (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

NUNAN, David. (1992) *Research Methods in Language Learning*.
Cambridge: CUP.

PARADIS, M. (1981) – Neurolinguistic organization of a bilinguals two languages. In J. E. Copeland & P. W. Davis (Eds.), *The seventh LACUS Forum*. Columbia SC: Horn Beam Press.

_____ (1983) – *Readings on Aphasia in Bilinguals and Polyglots*. Montreal: Didier.

_____ (1993) – Linguistic, psycholinguistic and neurolinguistic aspects of “interference” in bilingual speakers: The activation threshold hypothesis. *International Journal of Psycholinguistics*, (2), 133-145.

_____ (1997) – The cognitive neuropsychology of bilingualism. In A. M. de Groot & J. Kroll (Eds.), *Tutorials in Bilingualism*. Psycholinguistic Perspectives. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

POPLACK, S. (1980) 'Sometimes I'll start a sentence in English y termino en espanol', *Linguistics*, 18, 581-616. In: Li Wei (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge

SCARPA, Ester (1999) Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: Regina R. Lamprecht (org) *Aquisição da linguagem. Questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

ROMAINE, S. (1995) *Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Blackwell.

SAUSSURE, F. (1977) *Curso de lingüística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix.

SEVERINO, A. J. (2003) *Metodologia do Trabalho Científico*. 2nd ed. São Paulo: Editora Cortez.

SILVA, E. N. (1958). *Introdução ao estudo gramatical da língua Yorubá*. Publicações da Universidade da Bahia.

SILVA, T. C. (1999). *Fonética e Fonologia do Português*, São Paulo: Editora Contexto.

ROGERS, H. (2000) *The sounds of language*, Longman.

SAUSSURE, F. de. (1969). *Curso de lingüística geral*. (Org. Charles Balley e Albert Sechehaye). São Paulo, Cultrix ed.

STAKE, Robert E. (1985) Case Studies. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds) *Strategies of Qualitative Inquiry*. Londonn: Sage.

SPOPKY, B. (1998), *Sociolinguistics*, Oxford University Press.

VAISSIÈRE, J. (1983) Language-independent prosodic features. In: *Prosody: models and measurements*. Cutler, A. and Ladd, D. R. (Eds.) Berlin: Springer-Verlag, 53-66.

YIN, Robert K. (2005) *Estudo de caso – Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman (tradução de Yin, R. K. 2003. *Case Study Research: Design and Methods*. Londres: Sage Publications).

WEI, Li. (2000) *The Bilingualism Reader*, Routledge.

WEINREICH, U. (1953) *Language in contact*. The Hague: Mouton.

WOLFSON, N. (1986). *Research Methodology and the question of Validity*. TESOL Quarterly, Vol. 20. n.4, pp. 689-699.

Anexo I – Termo de consentimento

Termo de consentimento livre e esclarecido

Declaro que os objetivos das gravações por mim realizada em 31 de outubro de 2005, 15 e 17 de maio de 2006, feitas em vídeo e áudio e editadas em formato wave pelo programa PRAAT, foram-me explicitados pela mestrand Luciana dos Santos Cristino, a qual a utilizará para fins exclusivos de sua dissertação de mestrado e dos trabalhos dela decorrentes para apresentação em congresso ou publicação, dissertação intitulada *Bilingüismo e code-switching*: um estudo de caso, realizada sob orientação da Profa. Dra. Sandra Madureira, no Programa de Estudos PósGraduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

No que concerne à minha identificação, foi-me assegurado que apenas sexo, idade, procedência, formação acadêmica e experiência profissional serão utilizados, sendo meu nome substituído por sigla não correspondente a ele.

Consinto que a gravação por mim realizada seja incorporada ao Banco de Dados do Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição (LIAAC), da PUCSP, coordenado pela Profa. Dra. Sandra Madureira, para fins exclusivos de pesquisa, tendo sido informada de antemão que os responsáveis pelo Banco de Dados zelarão pelo uso e aplicabilidade da gravação exclusivamente para fins científico-acadêmicos. Foi-me ainda esclarecido que a qualquer momento posso declinar deste consentimento para o uso da gravação por mim realizada na dissertação de Luciana dos Santos Cristino e/ou da inclusão da gravação no Banco de dados do LIAAC.

Departamento de Lingüística Professora das Faculdades Integradas de Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição (LIAAC)

Mestranda Luciana dos Santos Cristino

Email: luciana.cristino@globo.com

Tel: 011 5615-0272

RG: 37.482.426-5

CPF: 176-111.708-48

Programa de Estudos PósGraduados em Lingüística Aplicada e Estudos da
Linguagem (LAEL)

Profa Dra Sandra Madureira

Email: madusali@pucsp.br

Telefones para contato:

Residência (11) 36708333

LIAAC (11) 36708333

Assinatura do sujeito participante

São Paulo, 20 de maio de 2006.

Anexo II

Questionário Individual – Pesquisa de Indivíduos Bilíngües

Preencha as informações abaixo:

Nome: _____

Data de nascimento: _____

País/cidade de origem: _____

Nacionalidade: _____

Línguas conhecidas: () Português () Inglês () outras

Data de nascimento: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Casado (a): () sim () não

Nacionalidade do cônjuge: _____

Nacionalidade do pai: _____

Línguas falada pelo pai: _____

Nacionalidade da mãe: _____

Línguas falada pela mãe: _____

No de irmãos: _____

Nacionalidade dos irmãos: _____

Língua(s) falada(s) pelos irmãos: _____

Filho: () sim () não Quantos: Nacionalidade

Formação Acadêmica: 2º grau completo ()

2º grau incompleto ()

superior completo () curso _____

superior incompleto () curso _____

Há quanto tempo mora no Brasil?

Quais línguas falava durante a infância?

Conhecimento em relação à línguas:

1) Inglês

a) leitura

() excelente () bom () regular () ruim

b) escrita

() excelente () bom () regular () ruim

c) fala

() excelente () bom () regular () ruim

d) listening / compreensão

() excelente () bom () regular () ruim

2) Português

a) leitura

() excelente () bom () regular () ruim

b) escrita

() excelente () bom () regular () ruim

c) fala

() excelente () bom () regular () ruim

d) listening / compreensão

() excelente () bom () regular () ruim

3) _____

a) leitura

() excelente () bom () regular () ruim

b) escrita

() excelente () bom () regular () ruim

c) fala

() excelente () bom () regular () ruim

d) listening / compreensão

() excelente () bom () regular () ruim

Faça um breve relato relacionado a sua origem, família, diferentes idiomas e sua chegada ao Brasil (mencionar sobre o aprendizado do Português).

Anexo III

Individual answers – Bilingual people research (English version)

Fill in with the information below:

Name: _____

Date of birth: _____

City /Country: _____

Nationality: _____

Languages: () Portuguese () English () others

Profession: _____

Maritus State (a): () married () single () divorced

Wife/ husband nationality: _____

Father's nationality: _____

Languages (father): _____

Mother's nationality: _____

Languages (mother): _____

Brothers/sisters (quantity): _____

Brothers/sisters nationality: _____

Languages (brothers/sisters): _____

Children: () yes () no How many? Nationality

Level of Education: High School ()

Degree () course

How long time have you been in Brazil?

Which languages did you speak in your childhood ?

Language knowlegde:

3) English

a) reading

() excellent () good () regular () bad

b) writing

() excellent () good () regular () bad

c) speaking

() excellent () good () regular () bad

d) listening / comprehension

() excellent () good () regular () bad

4) Portuguese

a) reading

() excellent () good () regular () bad

b) writing

() excellent () good () regular () bad

c) speaking

() excellent () good () regular () bad

d) listening / comprehension

() excellent () good () regular () bad

3) _____

a) reading

() excellent () good () regular () bad

b) writing

() excellent () good () regular () bad

c) speaking

() excellent () good () regular () bad

d) listening / comprehension

() excellent () good () regular () bad

Write a short description about your origin, languages, family, coming for Brazil,
learning other language (Portuguese)

Anexo IV

Transcrição dos dados SJ Narração Português

(1min 44seg) – Data: 31/10/2005

Narração sobre dados pessoais realizada pelo sujeito de pesquisa

Jm narr 01	Eu gosto muito di aqui brasileiros pra mim muito boas pessoas bom coração ah.. coração THEY ARE ('eles são') muito muito boa pessoas...
Jm narr 02	eu acho Brasil tem VIOLENCE, MANY THINGS ('violência, muitas coisas') é uma coisa que tem na outro grandes cidades também para mim não é grande problema
Jm narr 03	ele quer sabe muito coisa sobre sua vida quando ele não conhece muito de você Por EXAMPLE ('exemplo') quando cheguei aqui tava muito tempo quando eu tava dentro de ônibus pessoas que não me conhece pergunta:
Jm narr 04	HI!('Oi!') De onde você é ? Ah O que você está fazendo aqui?
Jm narr all	That 1. ah... mi nomi é SJ i tenho ah i tenho quashi quarenta anos 2. de idade. 3. nasci numa cidade chama Legos em... país Nigéria em África. 4. Eu cheguê aqui no Brasil eeh... janero 2000. 5. Eu gosto muito di aqui brasileiros pra mim muito boas pessoas 6. bom coração ah.. coração THEY ARE ('eles são') muito 7. muito boa pessoas... 8. eu acho Brasil tem VIOLENCE, MANY THINGS ('violência, 9. muitas coisas') é uma coisa que tem na outro grandes cidades 10. também para mim não é grande problema mas deixa eu falar 11. uma coisa sobre brasileiros, brasileiros ah... gosta perguntas

	12. de pessoas muito ele, ((risos)) ele quer sabe muito coisa sobre 13. sua vida quando ele não conhece muito de você Por EXAMPLE 14. ('exemplo') quando cheguei aqui tava muito tempo quando eu 15. tava dentro de ônibus pessoas que não me conhece pergunta: 16. HI!('Oi!') De onde você é ? Ah O que você está fazendo aqui? 17. Porque você está aqui? Pra mim, na minha na minha país 18. ninguém faz esse. 19. Você tem, você pergunta assuntos assim com pessoas que você 20. tem intimidade não pessoas que você conhece há alguns dias né 21. pode perguntar sim mas brasileiro conhece você na rua começa 22. a falar mas Ah, em tudo eu acho brasileiros tem muitas pessoas 23. .muito simpáticos aqui.
--	--

Anexo V

Entrevista Individual

- 1- Você se considera um falante bilíngüe (Português/Inglês)? Porquê?
- 2- Quais os principais desafios no ensino do Inglês para brasileiros?
- 3- Porque você escolheu o Brasil para seguir carreira, morar?
- 4- Como é o currículo de Letras na Nigéria?
- 5- Você conhece o currículo de Letras no Brasil?
- 6- Qual a metodologia que você adota?
- 7- Há alguma situação que você prefira falar em português?
- 8- Qual é o seu programa favorito da TV Brasileira?
- 9- Você conversa em inglês com sua esposa? (Ela compreende/ fala inglês)
- 10- Have you ever heard about mensalão? What do you think about it?
- 11- Do you like “caipirinha” and “feijoadá”?
- 12- Nowadays, when do you speak Portuguese?
- 13- Do you think you speak more Portuguese than English? Why?
- 14- What’s your favourite Brazilian food?
- 15- What do you like mostly in Brazil?
- 16- What’s your favourite soap opera?
- 17- What kind of sports do you like?
- 18- Do you like football? Ronaldo?
- 19- Do you like Brazilian’s Carnival?
- 20- What do you usually do during your free time?
- 21- What’s your favourite hobby?

Anexo VI

Transcrição dos dados SJ Entrevista Individual -15/05/2006

SJ interv 01	1- Do you think you are a bilingual speaker Português / Inglês? Porquê? I have to answer in English or Portuguese. English? <i>Oh. You decide.</i> Actually I think I'm a bilingual because, ah, my native language is English and I speak Portuguese too, so, I'm a bilingual advantages from one language to the other I think my Portuguese is just for survive
SJ Inter 02	2- Há alguma situação que você prefira falar em português? (4:26)Ah.. hum...ah.. às vezes quando percebo que alguma pessoas que não fala muito muito bem inglês. Português, nada nada em inglês especialmente alunos básico que não sabe nada nada de inglês (...)(0,535)-pausa mais "s" so ... (0,830) é preciso explicar em português.
SJ Inter 03	3- Há alguma situação que você prefira falar em inglês? Falar inglês Oh!(...) (0,383) You mean (...) (0,221)Oh OK. When If I'm very nervous with somebody I speak English. When I'm nervous I have to speak English to express my thoughts
SJ Inter 04	4) If you are talking with someone that doesn't understand you, What do you do? I have think, to say, to explain (...) (0,473ms) in (...) (0,218ms-pausa mais "p") Português (0,626ms-dur da palavra português), (...) (0,097ms) all over of Português (0,789ms dur. da palavra português)

SJ Inter 06	5) Do you like caipirinha e feijoada? No, I don't drink caipirinha because ah (...) (0,160) caipirinha is a mixing of alcoholic drink and I don't drink I don't eat feijoada because of my religion I don't eat pork.
SJ Inter 07	7) Você já ouviu falar em “mensalão”? Humm Já ouviu, já ouviu. (O que você acha?) Eu acho que mensalon é (...) (1,636), é alguma coisa de corrupçon (1,21 –dur) que (...) (0,53) pausa mais “p” pessoas da política estão fazendo (...) (0,437) OK! (...) (0,689) I think ah.. (...) (0,630) it simbolizes the corruption (0,879-dur)

Anexo VII

Questões (Entrevista Coletiva)

- 1- What's your name?
- 2- Can you spell it?
- 3- What's your last name?
- 4- How old are you?
- 5- Where are you from?
- 6- What's your nationality?
- 7- What's your occupation?
- 8- What's your favorite color?
- 9- What's your favorite food?
- 10- Are you married?
- 11- What's your wife's name?
- 12- What do you like mostly in Brazil?
- 13- What's your favorite hobby?
- 14- What kind of music do you like?
- 15- What kind of film do you like?
- 16- What's your TV program?
- 17- What's your favorite soap opera?
- 18- When is your birthday?
- 19- How does the weather like in Nigeria?
- 20- Does it rain a lot as in Brazil?
- 21- What's the difference between Brazil and Nigeria?
- 22- Can you tell us something interesting during your childhood?
- 23- Have you ever been abroad?
- 24- Do you know England?
- 25- What's the difference between English spoken in Nigerian and England?
- 26- Do you celebrate Easter?
- 27- What was the strangest thing that happened to you here in Brazil?
- 28- Can you say something for us in Portuguese?

Anexo VIII

Transcrição da Entrevista Coletiva Realizada em 17/05/2006 (4ª feira)

Perguntas realizadas pelos Alunos da 4ª série

SJ col inter 01	4- What's your favourite TV program? My favourite TV program is news I love ah (...) (0,282) I love Jornal Nacional I love fine news I love ah.. record news I love Ok Ah.. Only news jornal ok?
SJ col inter 02	5- What's your favourite soap opera? Oh, I don't (sss) watch soap opera so much but I love ah.. (...) Belíssima I watch Belíssima sometimes Belíssima Do you know? (...) Da globo
SJ col inter 03	6- Can you tell something interesting about your childhood? Oh (risos) it's a long time atrás (risos) ah I'm going to tell you about my childhood... (?)...I used to play football
SJ col inter 04	7- Can you say something in Portuguese? Of course. I can say Oi tudo bom? Como vai você? Tudo bom? OK!
SJ col inter 05	5- What's your favourite animal? For me is a very beautiful parrot Do you know parrot? Do you know parrot ? Papagaio Papagaio
SJ col inter 06	6- What's your favourite soccer team? My favourite soccer team is Corinthians
SJ col inter 07	7- What's your favourite soccer player?

	My favourite soccer player is Adriano Do you know that guy He's very tall. 15- What's your favourite soccer team? Yes (....) (expectativa) Corinthians.
SJ col inter 08	8- When you were a child what was your favourite school subject? Do you know History? História It was my favourite subject I love it.
SJ col inter 09	(4:17) Alguém quer perguntar alguma coisa em Portuguese pra mim? Oh Did you find it? Ok.
SJ col inter 10	10- Você sente saudade do seu país? Sim eu tenho muita sadade, muita sadade mesmo
SJ col inter 11	Can I take a picture with all vocês uma foto?
SJ col inter 12	12- Have you ever been to England? Has anybody been to England? Alguém já foi para Inglaterra aqui ?NÃO I've been to England. I've been to Ireland
SJ col inter 13	13- Você fala Português? Oi tudo bem Como você está Tudo bom Eu falo Português um pouquinho
SJ col inter 14	14- What's the difference between Brazil and Nigeria culture? As roupas de África que é longe Eu vou mandar fotos de roupas da Nigéria pra vocês OK?
SJ col inter 15	15- What's your favourite soccer team? Yes (....) (expectativa) Corinthians

SJ col inter 16	16- Sua esposa é professora também? No, no minha esposa.... (?)
SJ col inter 17	17- O que você faz? Sou professor de inglês (...) I teach English
SJ col inter 18	18- Você gosta da comida aqui do Brasil? (?) Eu gosto muito Big Mac
SJ col inter 19	19- Você conhece alguns pontos turísticos aqui em São Paulo? Ah sim Já fui na museum aquele fica na Paulista Ah Masp, Já fui na zoológica

Anexo IX - Quadro¹ com símbolos da transcrição do *corpus* usado para esta pesquisa

negrito	Trecho que ocorre o fenômeno <i>Code-switching</i>
(parênteses)	Explicação do autor
...	Uma seqüência de pontos indica pausa menor que 90 ms
(...)	Uma seqüência de pontos entre parênteses indicar uma pausa significativa maior que 90 ms
Humm....	Uma expressão mais seqüência de pontos indica uma pausa preenchida
(.)	Pausa breve
? rising intonation	Indica uma entoação ascentente
. falling intonation	Indica uma entoação descendente
,	Sem entoação final
(?)	Incompreensão de palavra ou frase
=	Quando um discurso de uma linha continua na outra sem pausa
((risadas))	Descrição de uma situação não lingüística
MAIÚSCULA	Descrição de uma informação não verbal importante para a análise

¹ Quadro com referência no quadro *Sample Transcription Conventions* (p. 224) do livro "Second Language Research" indicada na bibliografia final deste trabalho.